

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#28

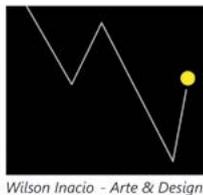




PENSAMENTO LIVRE

Realização

Apoio cultural



dartelondrina@gmail.com
www.ronilsonrony.com.br
<https://ongartebrasil.blogspot.com/>

ISBN

978-65-999129-0-0

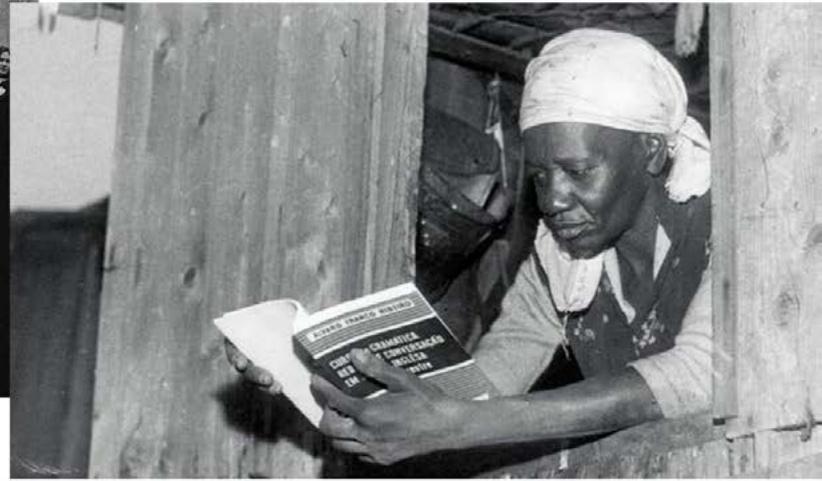
A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
<https://dartelondrina.wordpress.com/>



Divulgação/Internet



8 de Março

Dia Internacional da Mulher



Divulgação/Internet



MinC realiza a maior Conferência Nacional de Cultura da história do país



<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/minc-realiza-a-maior-conferencia-nacional-de-cultura-da-historia-do-pais>

Foram aclamadas 30 propostas prioritárias para a Cultura; desde segunda-feira quase 5 mil pessoas passaram pelo Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília

“Realizamos a maior Conferência de Cultura da história do país. Tivemos um número expressivo de participantes para além dos delegados e convidados da Conferência, que vieram por conta própria de diversos cantos do país. Isso simboliza o interesse e a importância que o brasileiro dá à cultura”, avalia a ministra Margareth Menezes sobre os cinco dias de realização da 4ª Conferência Nacional de Cultura (4ª CNC), em Brasília. Os trabalhos encerraram-se na tarde desta sexta-feira (8), quando foram definidas pelos delegados e delegadas as 30 propostas prioritárias que irão compor o documento final do encontro.



Foto: Victor Vec/ MinC

A secretária dos Comitês de Cultura do Ministério da Cultura (MinC), Roberta Martins, diz que foram 10 anos discutidos em cinco dias. “O movimento social apresentou uma maturidade bastante grande no apontamento das prioridades. Como principais características, a gente tem a necessidade de olhar para os territórios e os grupos que foram invisibilizados pelo governo anterior. Isso aparece muito claramente nas proposições, nas falas dos participantes, delegados e convidados. Uma outra questão que se coloca é a necessidade de se olhar o Sistema Nacional de Cultura, considerando as especificidades da gestão que a cultura tem, o Sistema vai ser o estruturador, ter sido votado no Senado na semana da CNC foi fundamental”.

Ainda segundo a secretária, também foi destaque a necessidade de articulação dos setores artísticos e das expressões culturais. “Os setores querem se organizar, em políticas próprias, e isso é muito importante também. Sem dúvida nenhuma, a perspectiva gigante que a participação social da cultura tem para traduzir os processos democráticos, como fazer, como se portar, a cultura política também deve ser aliada nesse processo. Após entregarmos as propostas, a gente passa a discutir novamente com todo mundo para a construção do novo Plano Nacional de Cultura”.

As propostas aprovadas passam pela reestruturação do Sistema Nacional de Cultura, o fortalecimento das culturas da Amazônia Legal e de biomas fronteiriços, ampliação da Política Nacional Cultura Viva, reestruturação do Conselho Nacional de Políticas Culturais, criação do Sistema Nacional do Patrimônio Cultural.

A criação de uma política afirmativa de bolsas para artistas, fazedores e trabalhadores da cultura, criação de um Programa

Nacional de Formação Continuada de responsabilidade do poder público com políticas afirmativas, Sistemas setoriais das artes, Instituições setoriais específicas, Circuitos e festivais culturais dos povos indígenas, comunidades tradicionais, ribeirinhas, afro e afrodescendentes; Política Nacional das Artes (PNA)

Direito dos trabalhadores, Fomento, Formação, Política Nacional de Economia Criativa, Diretrizes específicas no SNC para minorias, Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, Programa Nacional de Cultura dos Povos do Campo, das Águas e das Florestas, Reparação Histórica. De acordo com o regimento geral, o MinC tem até 60 dias para divulgar o relatório com o texto final da propostas definidas ao longo da 4ª CNC. Participaram da Conferência, 1.338 delegados, 1.087 convidados, 1491 observadores, 738 pessoas no apoio e organização; além de 151 profissionais da imprensa.

“A gente tem um resultado super importante no sentido da projeção da política pública, da retomada da participação social e do processo de Conferência, que é a pactuação entre poder público e sociedade civil, onde se encontram, dialogam, celebram. Então foi um momento único e histórico porque já podemos dizer que é a maior Conferência de Cultura já realizada. Depois de 10 anos sem Conferência, a 4ª CNC reuniu quase cinco mil pessoas entre observadores, convidados, delegados e trabalhadores em geral, mas focando nos delegados, convidados e observadores; a maioria muito interessada e ávida por debater e escutar a opinião de todos os estados sobre o rumo da política pública de cultura”, avalia o coordenador-Geral do CNPC e um dos organizadores da Conferência, Daniel Samam.



Após 4ª CNC, MinC continua processo de escuta da população sobre prioridades para as políticas culturais



Foto: Gabriel Brandão

Consulta Pública sobre o novo Plano Nacional de Cultura vai até o dia 7 de abril

Com o objetivo de impulsionar as contribuições ao Novo Plano Nacional de Cultura (PNC), o Ministério da Cultura (MinC) continua ouvindo as prioridades da sociedade civil para a cultura após a realização da 4ª Conferência Nacional de Cultura (4ª CNC) a partir da consulta pública aberta na plataforma Participa + Brasil, que ficará disponível até o dia 7 de abril.

O Plano Nacional de Cultura reúne princípios, objetivos, diretrizes, estratégias, ações e metas que orientam o poder público na formulação de políticas culturais. Até esta quarta (20), 239 pessoas responderam à pergunta “O que você espera do próximo Plano Nacional de Cultura?”. O novo Plano irá estabelecer as prioridades para as políticas culturais para os próximos 10 anos.

Segundo o secretário-Executivo do Ministério, Márcio Tavares, “a CNC não encerrou, ela abriu um capítulo de ainda mais participação, de ainda mais movimentação para que a gente tenha

mais e melhores políticas de cultura”.

“Na Conferência, todos puderam contribuir e formular pra nos dar condições de, agora, a partir dessas formulações, discutir ainda com a sociedade, com especialistas, com a academia a formulação desse Plano. É um conjunto de metas que vão virar depois indicadores para que a gente possa medir a evolução das políticas ao longo do tempo. Nós queremos fazer políticas de cultura que sejam capazes da sociedade verificar o andamento com transparência, ter o controle social, por isso que a participação é muito importante”, conclui o secretário.

Para tanto, o MinC prevê ainda outras oportunidades de participação popular por meio de audiências, circulações no território e novas votações on-line. As contribuições serão ordenadas para a construção do PNC.

Em produção liderada por mulheres negras, “Quarto de Despejo” ganha versão em quadrinhos

O projeto marca os 110 anos da escritora brasileira
Carolina Maria de Jesus

Divulgação/Internet

https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2024/03/12/9688_quarto-de-despejo-ganha-versao-em-quadrinhos-em-producao-liderada-por-mulheres-negras.html?

A editora Ática relançou a obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” em uma versão inédita de história em quadrinhos (HQ). O projeto visa homenagear a obra e o legado da escritora e ex-catadora de papel Carolina Maria de Jesus, que faria 110 anos nesta quinta-feira (14).

Liderada por mulheres negras, o projeto conta com o roteiro de Triscila Oliveira, ilustrações de Vanessa Ferreira e artes finais de Hely de Brito e Emanuely Araujo.

“Com essa HQ, queremos que a obra de Carolina Maria de Jesus se torne conhecida o quanto antes entre os jovens. E trouxemos somente mulheres negras para esse projeto, a fim de seguir de uma forma representativa com o legado que Carolina nos deixou”, afirma Laura Vecchioli do Prado, coordenadora do editorial de literatura da SOMOS Educação, companhia idealizadora da iniciativa. A adaptação, que tem 90 páginas ilustradas, já está disponível

para venda na internet e em algumas das livrarias do país. No livro, ela narra sua rotina como catadora de papel na favela do Canindé, em São Paulo, abordando questões sobre gênero, classe e raça, além de traçar as dificuldades da maternidade frente à desigualdade social. Nas páginas finais da HQ, as artistas falam sobre como foi trabalhar no projeto e contam de que maneira a história da escritora se cruza com a delas.

Quem foi Carolina Maria de Jesus?

Nascida em Sacramento, em Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, Carolina mudou-se para a cidade de São Paulo aos 23 anos para trabalhar como empregada doméstica. Após nove anos, passou a viver na favela do Canindé. Junto a seus três filhos, Vera, João e José, tornou-se catadora de papéis para garantir a sobrevivência de sua família.

A denúncia da fome e da violência é escancarada por meio de seu texto, abrindo espaço para o debate sobre o preconceito e a segregação social.

Em 19 de agosto de 1960, na Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro, a escritora lançava a primeira edição de “Quarto de Despejo”, livro que viria a se tornar um clássico da literatura nacional.

Desde então, sua obra foi traduzida para diversos idiomas, consolidando-se ainda como um símbolo de luta e resistência para a população negra e periférica.

**carolina
maria
de jesus**

roteiro triscila oliveira
arte preta ilustra
arte final hely de brito
emanuelly araujo

**quarto de
despejo**

ea

editora érica

<https://www.brasil247.com/cultura/e-importante-destacar-vida-de-pessoas-pretas-na-periferia-diz-artista>

É importante destacar vida de pessoas pretas na periferia, diz artista Jeff Alan mostra trabalhos no Centro Cultural da Caixa, no Rio



QUADRO PINTADO POR JEFF ALAN (FOTO: CRISTINA ÍNDIO DO BRASIL)

Agência Brasil – A comunidade Barro, zona oeste de Recife, Pernambuco, é o berço de tudo. Ali, Jefferson Alan Mendes Ferreira da Silva nasceu, cresceu e, como promete, vai ficar para sempre. Lá também, aos quatro anos, já fazia os primeiros desenhos. Pouco tempo depois, a inspiração deixou de ser os desenhos vistos na televisão que reproduziam, por exemplo, o Pokémon, passando a ser os amigos, pessoas das quebradas e das comunidades retratados nas suas telas.

Assim surgiu o artista plástico Jeff Alan, autor das 40 obras que compõem a mostra Comigo Ninguém Pode - A Pintura de Jeff Alan, no Centro Cultural da Caixa, no Passeio, região central do Rio de Janeiro, com entrada gratuita. Aberta de terça a sábado, das 10h às 20h, e aos domingos e feriados, das 11h às 18h. A exposição conta com legendas em braile e QR code com a audiodescrição das peças. Antes de chegar ao Rio, a mostra esteve por pouco mais de dois meses no Centro Cultural da Caixa, no Recife, onde foi vista por 85 mil pessoas. A primeira apresentação dos trabalhos foi na Casa Estação da Luz, em Olinda, centro cultural do cantor e compositor Alceu Valença.



A mãe, a manicure Lucilene, de 53 anos, foi a grande incentivadora e ainda hoje Jeff pede opiniões dela quando está criando uma obra. “Minha mãe sempre foi uma inspiração para mim, não só artística, mas de ser humano mesmo”, revela. No início os trabalhos eram em preto e branco. Não era apenas uma tendência. Jeff não sabia, mas era daltônico. A descoberta foi aos 20 e poucos anos, quando, segundo ele, “pagou alguns micos”. Na faculdade tinha feito um quadro com fundo rosa, que descreveu como vermelho. Os colegas apontaram que estava trocando as cores. Fez alguns testes e comprovou que tinha daltonismo.

Embora tenha começado com o preto e branco, já estava trabalhando com cores antes de saber que era daltônico. Jeff conta que costuma confundir o azul com verde, o verde com marrom ou cinza, laranja claro e rosa com vermelho. As trocas dependem das cores próximas. Nada disso é problema para o pintor. “A descoberta foi pagando alguns micos e algumas cores eu já tinha decorado. Tenho a minha paleta de trabalho reduzida, então, para mim foi tranquilo”, destaca. As cores dos fundos das obras determinam a mensagem que o artista quer passar. O azul é o sonho, o vermelho a coragem e o amarelo o ouro, a conquista de um lugar. O nome da exposição que tem entrada grátis é uma referência também à planta Comigo ninguém pode, que o artista via em muitas ruas do Barro.

Em entrevista para a Agência Brasil, Jeff Alan comentou as características do seu trabalho, a vontade de destacar pessoas da periferia e reforçar o viver do povo preto. “Eu quero elevar a auto estima do meu povo, quero ver a

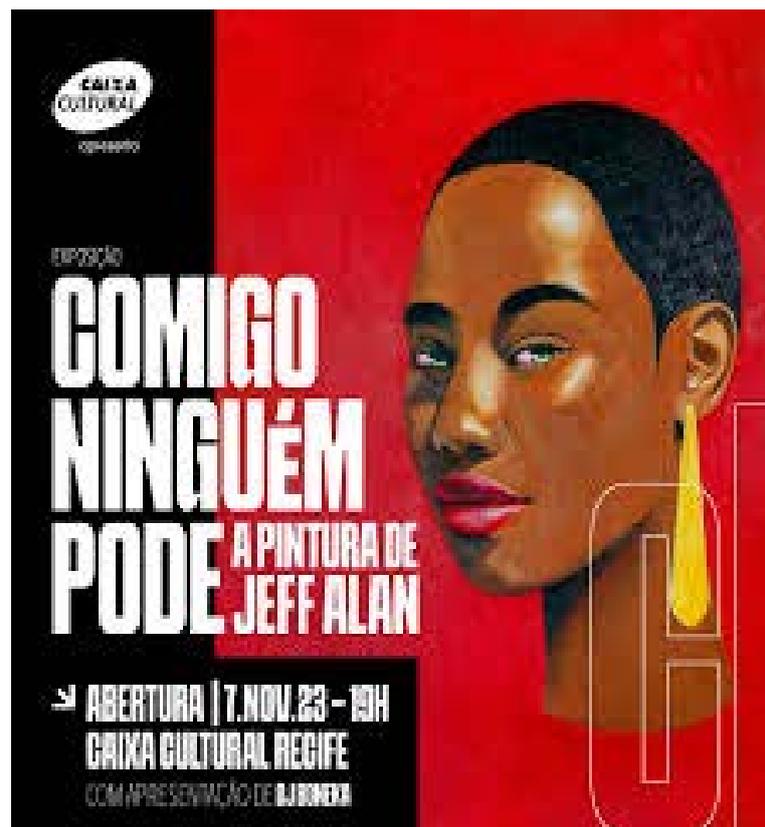
juventude vivendo os seus sonhos. Esse trabalho vem aqui para denunciar, reafirmar, reivindicar e para dizer que este espaço aqui é nosso. A gente não quer só ocupar, a gente quer estar. Muita gente fala em ocupar. Ocupar para mim é uma coisa temporária. A gente quer fazer parte do corpo. A gente quer gerir. A gente também quer ditar as regras do jogo”.

Origem

“A exposição Comigo Ninguém Pode surgiu no bairro do Barro, zona oeste do Recife, periferia na esquina do Bar do Beco, do meu tio Albérico Mendes da Silva, que faleceu há dois anos. O título é uma forma de trazer o meu tio, uma homenagem e também uma reafirmação dos fazeres do povo preto. Saber que com a gente ninguém pode. A exposição fala sobre coragem, muita luta, sobre sonhos, sobre o caminho da escola, sobre o caminho vermelho, esse desejo de descobrir o caminho azul. Costumo dizer que o vermelho é a cor de coragem e o azul de sonhos”, enfatiza o artista.

Comigo Ninguém Pode

“Em todas as ruas do meu bairro vai ter uma casa que tem [a planta] comigo ninguém pode e lá em Olinda fizemos instalações com a planta natural, buscamos soluções que a gente encontra na periferia. Usar um balde de tinta, uma lata de manteiga para trazer o que de fato a gente encontra. Eu tenho um autorretrato, acho que de 2020, que tem uma Comigo Ninguém Pode ao meu lado e também tenho uma foto minha aos seis anos que tem uma Comigo Ninguém Pode atrás. Eu não lembrava e encontrei a foto depois que fiz a pintura”, recorda.



Desde cedo

Jeff Alan prossegue: “eu pinto desde criança. Lembro que na escola, quando tinha trabalho em grupo, pediam para fazer a capa. Eu costumava fazer a capa. Eu gostava muito de estudar até a oitava série, mas o que era chato no ensino fundamental e ensino médio é que você é obrigado a estudar aquilo. Já na faculdade é outra coisa. Estuda uma parada que você escolheu e eu gostava muito de matemática. O meu sobrinho Guilherme, de seis anos, faz o mesmo.

Trajectoria

O pintor lembra que decalcava, usava muito papel carbono e foi crescendo fazendo muito desenho que assistia na TV. “Cavaleiros do zodíaco, Dragon Ball Z, Pokémon. Folheando minhas pastas antigas de 20 anos atrás encontrei retratos de pessoas que não sabia quem era. Acho que foram estudos que contribuíram para chegar a este resultado. Em 2008, comecei a pichar, depois grafitar e a fazer intervenções urbanas. Comecei a conhecer os movimentos de arte urbana e de 2008 até 2014 consegui desenvolver o meu estilo que era abstrato. Uns traços orgânicos e fiquei conhecido por este trabalho que me criou uma zona de conforto. De 2014 para cá já estava na faculdade de Arquitetura e passei a ter muita relação com escritório de arquitetura de design de interiores. Esse meu trabalho abstrato é muito comercial. Eu sentia que este trabalho não ia me levar ao museu, a uma galeria, a uma exposição como essa”, diz.

Pandemia

Ele conta, a seguir, que quando a pandemia de covid-19 chegou ao Brasil, “eu tive que desacelerar e passei a olhar mais para dentro. Passei a me envolver mais com a minha família, me conectei mais com meus ancestrais. Aí eu fiz O que vai ser de mim? Em um quarto minúsculo, eu fico muito só no quarto quando não estou pintando, nasceu a série Olhar para Dentro. A primeira obra foi um jovem com uma garrafa de cola na mão. Essa obra nasceu a partir de um retrato que eu tinha no meu celular. Lembro de outra obra que foi de um retrato de uma avó com a netinha na comunidade Nossa Senhora do Pilar, no Recife antigo. Aquela foto eu fiz para o meu trabalho de conclusão de curso e fui fotografar cena e tem aquele caminhar da avó com a netinha. A foto - acho que foi em 2016 e em 2020 - eu fiz essa obra. Uma obra que eu fiz, eu estava em uma janela de ônibus e vi um rapaz com um fardamento azul e ele estava folheando alguma coisa. Lembro bem desse dia. Foi no bairro de Afogados, defronte à igreja do Largo da Paz. O ônibus parou exatamente naquele local. Lembro também de um poema de Miró da Muribeca [poeta urbano do Recife que morreu em 2022] que diz que a janela de ônibus é danada para botar a gente para pensar, principalmente quando a viagem é longa. É muito inspirador. Naquele momento fiz

uma foto rápida. Não pude conversar com ele porque estava dentro do ônibus, mas o que me chamou atenção foi o fato dele estar com fardamento [que remetia ao pai] e estava folheando uma coisa e que provavelmente se estivesse em ambiente de trabalho seria chamado atenção e poderia perder o emprego por estar lendo, estudando, buscando um conhecimento. Aquele momento foi muito marcante para mim. Gostaria que aquela obra estivesse aqui, mas está muito longe [não revelou onde está] porque foi vendida. É uma obra muito importante. Um desenho em aquarela com lápis de cor sobre o papel”, acrescenta.

Histórias

O artista se diz “um contador de histórias. Não faria sentido algum eu chegar aqui, te receber e dizer que essa aqui é Ivana [Pires]. É uma pintura tinta acrílica sobre tela. Quem é Ivana? Ivana é uma jovem de Salvador. Modelo que está rodando o mundo com seu rosto estampado nas principais revistas de moda. Fazendo um grande trabalho, realizando seu sonho. O que foi que emocionou Ivana? Foi ver a foto dela na capa do catálogo. Ela publicou isso e disse para mãe que era capa de um livro, que é um catálogo de uma exposição. Acho que essa reação da Ivana após esse trabalho ser concluído é porque ela entende que o trabalho foi feito por um artista preto, que tem vivências parecidas com as dela. Um artista preto que vai dialogar com tantas outras meninas que querem estar nesses lugares que Ivana está alcançando.”

Conhecer personagens

Sobre os seus trabalhos, ele diz: “muitas obras que estão aqui são de pessoas que eu conheci e me conectei, como estou me conectando com você [repórter] e tive uma troca. Facilita o meu trabalho. Aqui também tem obras de pessoas que eu não conheço, referências de filmes, de alguma coisa que vi em uma rede social, de uma pessoa que cruzou o meu caminho de forma virtual, aí vou misturando. Mas muitas obras também são autorretratos. Ao passar o tempo está cada vez mais difícil pintar pessoas que eu não conheço, por isso não aceito encomenda, porque não conseguiria apresentar uma obra sem conhecer a história daquela pessoa. Ao longo da exposição há obras que consigo me debruçar e passar horas e horas apresentando aquele trabalho, porque eu conheço aquela pessoa que está viva e em processo de mudanças. Muitas obras estão em andamento, mas o que define que uma obra está concluída e se são pessoas reais? Hoje sou uma pessoa e amanhã posso ser outra. Registre o momento”.

Recomeço

Jeff Alan explica que, “ao longo da exposição, a gente vai ver que aparece um céu estrelado, diferente da maioria das obras, aquele desejo de poder contemplar o céu em paz, de ver as estrelas. Acho que, quando a gente olha, o céu

reacende a vontade de sonhar, quando falo muito de céu eu lembro de muitas memórias da minha infância quando eu deitava no chão e ficava olhando o céu, as nuvens e ficava brincando com aquilo e desenhando. Acredito que esse sonho azul é o céu de sonhos, é o céu do recomeço. Tem uma obra minha que se chama Recomeçar, que não está aqui, mas estava no Recife, ela fala sobre um jovem que está no Casem, que é a casa de semiliberdade da Funase [Fundação de Atendimento Socioeducativo do Recife], que eu conheci durante uma atividade eu fui fazer lá. Esse jovem se encontra em dois lugares. No Casem e no museu. E aí nas visitas mediadas acontecem muitas provocações e lá [alguém] perguntava. ‘Quem foi conhecer a história desse jovem no Casem?’. Ninguém, mas vocês estão vindo aqui ao museu. Será que é preciso colocar uma obra dentro de um museu para que vocês conheçam esses jovens? Para que entendam que esses jovens existem, têm sonhos e queriam estar agora aqui conosco? Então, esse azul dessa obra é de recomeço”.

Divulgação/Internet



Novidade

O artista explica que “a obra de Caíque é a grande novidade dessa exposição no Centro Cultural da Caixa, no Rio. O retrato tem escrito coragem atrás com uma parede vermelha manchada. Esse vermelho que eu falei ser de coragem muitas vezes é um caminho de sangue. É o caminho que a gente atravessa, seja no caminho para a escola, para o trabalho e até para o lazer. Como é atravessar esse caminho sangrento e não perder a vontade de sonhar e viver de seus sonhos? É muito desafiador a vida do jovem, não só do jovem, mas do povo periférico, do povo preto. Então, vejo o Caíque atravessando esse caminho vermelho em busca do sonho dele de ser jogador de futebol, que é o que ele quer agora. Ele já joga, mas que ele seja o que quiser e tenha liberdade de sonhar e ver os seus sonhos, como a gente está vendo aqui em outra obra onde está escrito em uma bolsa Sonhos Vivos e aparece com o fardamento [uniforme] azul da rede pública do Recife. O que eu quero dizer com isso? Que o caminho da escola para mim foi de sonhos, de descobertas. Foi no caminho da escola que comecei a pichar, fazer grafites, foi onde comecei a me entender enquanto artista e qual o lugar quero ocupar dentro da cidade”.



Zezé Maria, 2022, técnica mista sobre tela, 50 x 50 cm.
Imagens: Jeff Alan/Divulgação

Invisibilidade

O pintor pernambucano pergunta: “quem se preocupa com os sonhos da população de rua? Muitas das obras falam da vontade de sonhar, de viver os seus sonhos e em paz, não mais um caminho vermelho de sangue, mas de amor. Na infância me ensinaram que vermelho era amor. Eu cresci e fui vendo que vermelho é a cor que interrompe muitos sonhos da nossa juventude. Que vermelho é a cor dos nossos corpos estirados no chão. É uma mancha na parede na casa de Douglas, de Caíque, da minha casa e de tantas outras que vivem nesse caos. A gente não quer mais falar nesse vermelho amor. Espero que, no próximo encontro, a gente possa falar sobre conquistas, afeto. Aqui as obras não aparecem sorrindo. É todo mundo muito atento, meio que penetra. Acho que isso vem muito do estranhamento de visitar ambientes de cultura e não me ver representado ao longo de todos esses anos. Hoje a coisa já está mudando. Pronto, aqui mesmo no Rio a gente tem o MAR [Museu de Arte do Rio], acredito que é um museu que tem a cara do povo. Esse diálogo que trago aqui nesta exposição já acontece no MAR e em outros equipamentos de cultura do Brasil todo. Demorou muito para que a gente tivesse este espaço, mas a gente vai escrever uma outra história que não vai desrespeitar o que nossos ancestrais fizeram”.



Reflexo da vida

“Tudo que acontece nesta exposição, acontece nas ruas, então, não fará sentido algum se as pessoas que vierem aqui continuarem ignorando as pessoas nas calçadas, no caminho da escola. Essas pessoas existem. São pessoas que têm sonhos e vontade de viver. Estou muito feliz de estar aqui e otimista com as relações que a gente vai construir ao longo dessa exposição. O espaço está aberto para receber, principalmente, gente de quebrada, de favela, maloqueiro e que essas obras sejam vistas como espelho. Não fará

sentido algum essa exposição aqui para um público branco contemplar. Não que seja um problema, mas antes de tudo é importante que as pessoas se vejam e se identifiquem nestas obras. Que sejam espelhos” observa.

Público

Pensando na capital pernambucana, Jeff diz que “lá no Recife ganhei mais de cinco mil seguidores. Tem um depoimento de uma senhora de 56 anos. Ela falou: ‘Essa é a primeira vez que venho a um museu. Sempre achei que era lugar de patrão’. Ela é trabalhadora doméstica e escutava muita história dos patrões indo viajar. Ela ganhou um convite. A gente buscou esse público que nunca tinha ido a um museu, porque, do contrário, fica sempre dentro da mesma bolha. A gente chamou pessoas que estavam atravessando a rua, comerciantes, pessoas em situação de rua. Pessoas que são a cara da exposição. Isso eleva muito a auto estima. Depois que foi lá, foi de novo e passou a entender que arte também é para ela”.

Caminhos

Ele enfatiza que há “caminhos vermelho, azul e amarelo. Tem composição com amarelo. O que é esse amarelo? Eu sou daltônico, então a minha paleta é muito reduzida. As cores se repetem muito e são cores que me apresentaram na infância. Uso muito o azul, que vem muito do fardamento [macacão] que meu pai usava [ele era mecânico da CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos]. A memória que tenho do azul vem muito disso. O amarelo, nesses brincos que se repetem em muitas obras e mudam de tamanho, representa o ouro. Em algum momento eu disse que ia substituir esse amarelo por uma folha de ouro, deixei levar e meio que se criou identidade e eu mantive. O amarelo é para representar o ouro que é nosso, que foi roubado e a gente quer de volta. A gente quer portar ouro, prata, enfim, portar joias. Em algumas obras aparecem acessórios, búzios”.

Vermelho nos olhos

Ainda sobre cores, o artista afirma que “o vermelho nos olhos vem muito da expressão sangue nos olhos. Parte de muita indignação que resultou nesta exposição. Posso dizer que fiquei muito tempo com sangue nos olhos, por falta de visibilidade, falta de espaço, por não me sentir representado. Isso tem muito de indignação. Eu pinto muito quando estou triste, mas pinto muito mais quando estou feliz. Acho que essa necessidade de pintar em um momento de tristeza é para colocar para fora o que eu tenho de melhor, para me sentir vivo, me sentir útil. Essas obras são resultado de muitas emoções, de muita revolta e também de muita alegria e de muitos sonhos”, confessa.

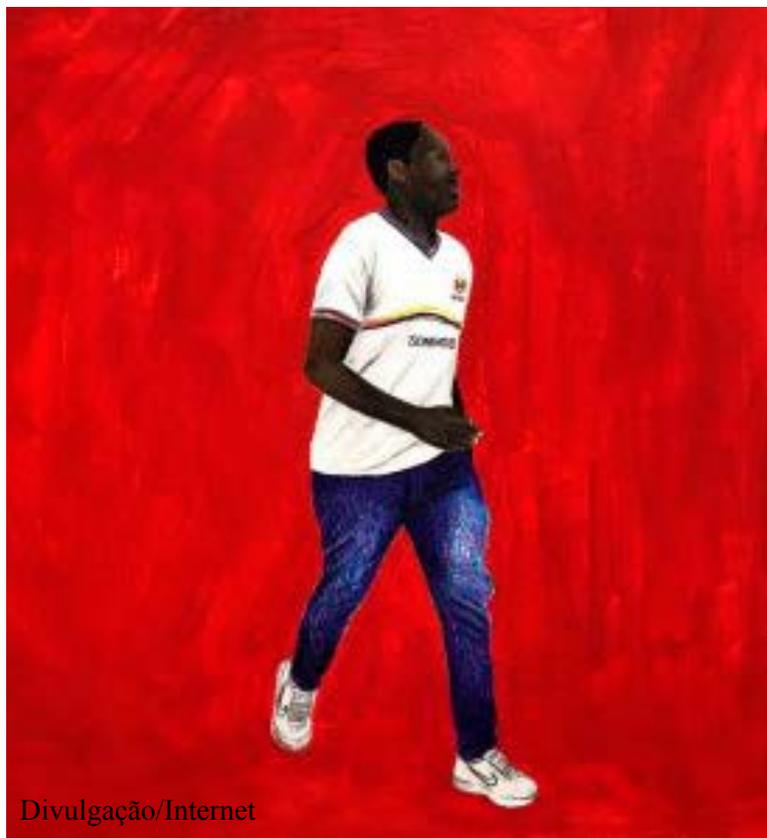
Família

Em outro ponto da entrevista, o artista diz que, “pela primeira vez a minha família viajou para o Rio de Janeiro

[veio para a abertura da exposição na quarta-feira (21)]. Minha mãe, dona Lucilene, na primeira vez que andou de avião foi para ver a exposição do filho dela e com dinheiro de arte. Minhas irmãs estão aqui, meu sobrinho com seis anos de idade fez a primeira viagem de avião. Eu fiz quando já estava com mais de 20 anos. Poder proporcionar isso para minha família, vivendo do meu sonho, é algo que eu sempre quis. Desde criança quis viver de arte. Até os 15 anos ficava dividido entre futebol e artes visuais, mas nunca deixei de pintar”.

Sonho

O artista finaliza o seu depoimento falando de sonhos. “Um dos meus principais sonhos é construir uma Escola de Arte no meu bairro. Não só uma escola de arte, mas uma escola para potencializar sonhos. Venho juntando recursos para realizar e viver esse sonho. [Vamos perguntar] Qual é teu sonho? ‘Ser jogador de futebol’. Como podemos ajudar a concretizar isso? Bora fazer vídeos teus jogando. Se quer ser costureira bora fazer parcerias com grandes marcas. Isso que estou vivendo há muitos anos é muito gostoso. É muito prazeroso viver dos sonhos. É muito bom”.



Divulgação/Internet



Divulgação/Internet



Ouçá no
Spotify



**Pode,
Chefe?**
podcast



@podechefe



@podechefeoficial

Autismo

para cuidar
é preciso
entender



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



I.C.A.B.
Instituto Cultural Arte Brasil

O projeto **Um dedo de prosa** divulgou o resultado final da classificação de 20 (vinte) escritores paranaenses e um mediador na etapa Paraná patrocinada pelo Programa de Incentivo a Cultura Profice com aportes de ICMS da Copel.

Amanda Maria Damasio Teixeira
Barbara Lia Soares
Karen Silvia Debértolis
Layse Barnabé de Moraes
Marcia Aparecida Paganini Cavéquia
Piera Paula Schnaider Nascimento

Andirá, Bandeirantes, Cambará, Ibaiti, Ibiporã, Ivaiporã, Jacarezinho, Marialva, Rolândia, Santo Antônio da Platina receberão em uma escola estadual dois autores para o debate sobre às questões pertinentes ao incentivo à leitura, com atividades previstas para a partir de maio.

Aparecida Jaqueline Rodrigues
Clodaldo Salustino de Moraes/Aldo Moraes
Danilo Brandão Costa
Isabela de Faria Cunha
Nará Souza Oliveira
Tatiana Aline Barbosa Santana

Os autores selecionados também serão publicados em livro homônimo. O livro é doado para os alunos participantes.

Mediador: Mario Sergio Fragoso de Almeida

Site: <https://umdedodeprosa.art.br/>

Os autores selecionados: Cesar Augusto de Carvalho
Fernando Antônio Prado Gimenez
José Augusto Pereira Silva
Marco Antonio Fabiani
Maurício Arruda Mendonça
Nilson Monteiro Menezes
Renato Forin Jr
Rodrigo Domit

The graphic is divided into several sections. At the top left, the title 'UM DEDO DE PROSA' is written in large, bold, black letters, with the 'O' in 'PROSA' being a speech bubble. To the right, the text 'APRESENTA SELECIONADOS' is displayed in a clean, sans-serif font. Below this, a green rounded rectangle contains the website address 'umdedodeprosa.art.br'. The central part of the graphic features a circular portrait of Aldo Moraes, a man with glasses and a white shirt, speaking into a microphone. Below the portrait, his name 'Aldo Moraes' is written in a large, bold, black font. To the right of the portrait is a book cover titled 'Poemas do amanhecer' by Aldo Moraes, which has a colorful, abstract design. At the bottom of the graphic, there are logos for the sponsors: 'ARTO ARTE EDITORA', 'COPEL Para Energia' (with 'PATROCINIO' above it), 'OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL', 'PARANÁ INCENTIVO À CULTURA PROFICE', and 'PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA'. At the very bottom, a line of text reads: 'Projeto Um dedo de prosa nº 53843 aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria de Estado da Cultura | Governo do Estado do Paraná.'

<https://umdedodeprosa.art.br/>



She'sStar

A She'sStar surge como um veículo de transformação para mulheres, com conteúdos e informações que irão acelerar:

**Autoconhecimento
Independência financeira
Empreendedorismo**

Vem brilhar!

<https://www.shesstar.org/>



“Esta edição traz a importante entrevista com a escritora Jackie Rodrigues. Nascida em São Paulo, está radicada em Londrina a cerca de 15 anos onde definitivamente consolida sua trajetória na literatura. Negra, formada em Comunicação Social e **vencedora do Prêmio Nacional Carolina de Jesus**, a autora busca aprofundar sua identidade com a cultura afro-brasileira e expandir seu debate cultural pela internet. O jornalista Aldo Moraes conversou com Jackie Rodrigues especialmente para a Revista D’arte



Jackie Rodrigues

Divulgação

a) Olá Jackie Roenvolvimento e gosto pela literatura.

Obrigada pela oportunidade, é um prazer ter você na Revista D’arte. Fale um pouco da sua infância e como nasceu o idade de apresentar um pouco da minha trajetória e da minha escrita. Nasci em São Paulo, na maternidade São Paulo e nunca pensei sair da minha Sampa.

Minha avó materna estabeleceu que preferia morar em lugares pequenos, mas no centro de Sampa, do que em algo mais espaçoso na periferia. Dizia que precisaríamos estudar, trabalhar e morar longe dificultaria nosso deslocamento. Quando saí da maternidade, morávamos no limite dos bairros Bela Vista – Liberdade.

Com essa logística, nunca enfrentei enchentes, dificuldade de locomoção para ir estudar e, mesmo depois de adulta, nunca precisei de mais de uma condução, ida e volta, para o trabalho.

Realizei todos os meus estudos, na época primário/ginásial/colegial num total de 11 anos, no bairro da Liberdade,

em escolas públicas que também foram frequentadas por minha tia e primos, inclusive tive aulas com os mesmos professores deles. Uma diretora tinha sido professora da minha tia e doou todo meu uniforme do ginásio quando minha avó foi pedir.

Minha infância era tranquila: estudar, brincar com meu avô, tirar cochilo e ver televisão, que era coisa relativamente recente. Daí surgiu meu desejo de fazer comunicação social, especificamente propaganda. Segundo consta no meu livro de infância, aquele no qual são anotadas as atividades da criança, minha primeira palavra escrita foi “WALITA”, com “w” mesmo. Adorava comerciais.

Sempre fui uma criança que lia muito e sem influências, já que ninguém tinha olhares para o que eu fazia. Quando tinha uns dez anos, naquela premissa de morar em lugar pequeno, dormíamos todos num mesmo quarto, daí eu acordava cedo e, não podendo levantar, descobri uma caixa cheia de livros ao lado da minha cama. Pelo rasgo lateral,

em enfiava a mão e sacava um livro. Assim, até livro alemão traduzido em espanhol, eu li. Também li uma enciclopédia de três volumes sobre amor e sexo. Mais tarde, soube que foi de grande valia, já que ninguém me explicava coisas que uma menina deve saber sobre seu corpo.

Como filha de mãe solo, considero que sou filha de mil mães, parafraseando um escritor português. E a vida entre mulheres se intensificou quando meu avô e meu padrinho morrem em 1972, quando eu tinha oito anos. Desde então, para cada necessidade que tive na vida, uma mulher veio em meu socorro. Quer com coisa materiais, quer com afeto e orientações sábias.

Por intermédio de uma dessas mães, arrumei o primeiro emprego e, nesse local, tomei gosto pela leitura e comecei a escrever poesias. Tenho um caderno com poemas de 1984 (sem referência a Orwell). E, nessa mesma empresa, alcei voos mais ousados e entrei numa faculdade. Graças ao olhar perspicaz do meu diretor que quando viu que eu lia autores estrangeiros, tinha fotos de todos os tipos de cantores sob o tampo de vidro da mesa, resolveu me incentivar para fazer vestibular. Fiz, passei e, quando ele ficou feliz pelo meu feito, eu disse que não poderia pagar a inscrição, menos ainda as mensalidades. Imediatamente, ele fez um cheque em branco, mandou eu fazer a matrícula e as mensalidades a empresa pagaria. O resultado é que me formei em comunicação social pela faculdade que, aos 13 anos, eu disse que iria fazer. Minha gratidão por esse homem é eterna.



Divulgação

Com ele e a empresa, também criei gosto por informática. Autodidata, aprendi a fazer alguns programinhas, tomei familiaridade com planilhas eletrônica e editores de texto. Conheci a Internet, sites que publicavam fanfictions e, em 2001, comecei a postar uma sobre “Xena A Princesa Guerreira”. Minhas postagens atingiam 650 mil visualizações. Até hoje essa fanfic reside em um site e recebo e-mails pedindo que a termine.

Minha verve de escritora deslanchou e passei a participar de concursos, consegui figurar em algumas coletâneas, mas em 2006 fiquei em terceiro lugar em um concurso, ganhei 300 dinheiros e, só em 2017 que fui ver que uma das selecionadoras era a Conceição Evaristo.

Nessa época, minha temática central era LGBTQIA+, que não tinha todas essas letras então.

São Paulo é um mercado difícil. Participar de coletâneas foi uma forma de espalhar minha escrita e fazer portfólio, mas confesso que tenho livros com meu nome incluso circulando até fora do Brasil e eu não sei o que vende, se vende, se tenho direitos a receber. Nada!

Por curiosidade, coloquei meu nome no Google e descobri que tem a maioria desses livros de coletâneas que participei digitalizados em plataformas de pdf. Sinceramente, pensava que nunca mais tinham sido publicados.

O fato é que desde os anos 1980 para cá, escrevi e escrevo de tudo, pois adoro o desafio da escrita. Escrevo poema, romances, contos de várias temáticas e gêneros. Recentemente, eu e um amigo, ficamos em segundo lugar num festival de música da Caixa Econômica Federal com uma canção que compusemos para a Av. Leste/Oeste.



Divulgação

b) Que autores e autoras frequentam sua cabeceira?

Atualmente, na mesinha da sala, estão:

Um Defeito de Cor, Ana Maria Gonçalves, confesso que estava com ele aqui em casa há alguns meses, mas depois do carnaval, por motivos óbvios, resolvi ler e estou na página 100 de mais de 900.

Salvar o Fogo, Itamar Vieira Júnior, meu novo autor queridinho, apesar de não ter gostado do Doramar e a Odisséia, por isso estou querendo tirar a prova dos terceiros livros. Estou na página 50. Sem opinião formada ainda.

O Ovo, Renato Fórin Júnior, querido amigo que fiz em Londrina, dramaturgo, autor já premiado com o Prêmio Jabuti entre outros, e que nesse livro / roteiro de uma peça, um tanto metalinguístico com relação ao teatro, apresentamos um enredo complexo, psicologicamente denso e espiralado de forma vertiginosa. Fantástico!

Amêndoas, Won-Oyiong Sohn, merece ser lido pela diversidade temática e reflexão sobre superação em meio a desafios complexos. Uma criança especial com alexitimia, distúrbio que provoca desconexão emocional, seu amigo agressivo e uma livraria com muito drama familiar. O final pode surpreender e reflete possíveis nuances culturais sul-coreanas. Os coreanos estão dominando essa nova vertente literária que é a ficção da cura.

A Mandíbula de Caim, Edward Powys Mathers sob o pseudônimo de “Torquemada”, é um livro de suspense policial para ser “montada” a história e o desvendar do crime descobrindo o executor, motivo, cenário e todos os elementos da ficção policial. Admito que folhiei as páginas que são destacáveis para serem colocadas na ordem que acharmos correta, sei que somente uma meia dúzia de pessoas conseguiram decifrar o caso e, por isso, ainda não me sinto capaz de ser uma delas. Confesso que já pensei em criar um clube para tentar desvendar em leitura compartilhada. Deixo aí uma dica ou um pedido de indicação se alguém souber da existência de algum clube sobre esse livro. É fascinante!

Americanah, Chimamanda Adichie, sobre negros africanos que vão para os USA e o que enfrentam em termos de ignorância e preconceito sobre costumes e vivência destes



em sua terra natal. Um relato forte da escritora conhecida por sua atuação no feminismo negro e de forma geral. Estou na página 410. Além de ser longo, tem que ser lido com atenção.

Os títulos acima estão na minha mira, mas outros se intrometem por força do clube de leitura que faço parte. Assim, acabei de ler “Terras do Sem Fim”, do Jorge Amado, bem como já tenho duas listas de leitura para os próximos oito meses. Desde que cheguei em Londrina, minha companheira me colocou em contato com alguns clubes e eu me interessei por outros tantos. Cheguei a participar de seis, mas agora só estou em um que tem braço em Maringá também.

Como inspiração, minha musa é Lygia Fagundes Telles. Atualmente, estou apaixonada por Paulina Chiziane, escritora moçambicana ganhadora do prêmio Camões de literatura lusófona; e a Octavia E. Butler, considerada a mãe da ficção fantástica e precursora do afrofuturismo, que tem me influenciado a testar essas águas desse estilo literário.

c) Como você situa Londrina em sua trajetória?

Posso dizer que desde os anos 1980 minha produção nunca parou. Entretanto, ao mudar para Londrina em 2010 foi que me tornei escritora. Aqui, fui reconhecida e respeitada. Por isso me considero uma escritora pé vermelho.

Nessas terras já fui incluída em coletâneas, fui selecionada no Londrix – Festival Literário de Londrina para dar palestra, fazer parte de coletânea de poetas londrinenses, participar do projeto “Um Dedo de Prosa”, inclusive agora em 2024. Os escritores aqui da cidade me acolheram como par e são de grande incentivo para meu trabalho. Não posso deixar de dizer que já fui mediadora no SESC para o livro da Djamilia Ribeiro “Quem tem medo do feminismo negro”, já promovi debates e, tive a honra de ser convidada para recepcionar os alunos novos da cadeira de Letras da Universidade Estadual de Londrina. Admito que sou

figurinha carimbada no meio cultural da cidade e quero estar presente em todos os eventos, quer participando, quer incentivando. Só posso agradecer às pessoas que acolheram meu trabalho. Para cada uma delas, ao ler essa matéria, quero que saibam da minha admiração e gratidão.

Com esse aval todo, recentemente, resolvi dar vazão a outros projetos e formas literárias. Enveredei por memórias, por escrever afrofuturismo, micro e minicontos, trovas e quadrinhos.

Até criei coragem para transformar um poema que escrevi há mais de 20 anos em história infantil no formato de HQ. Esse projeto que é meu xodó é a história infantil chamada “A se apaixonou por Z”. E Londrina foi fundamental para que essa criança amada ganhasse espaço para correr, pois obtive muitos incentivos após o texto ser apreciado por nomes de peso da cidade. Apesar de ainda não ter ganho publicação, já o apresentei em contação de história na Biblioteca Infantil. Assim, enquanto não publico, espero realizar outras apresentações, acrescentando esse lado de contadora de história ao meu currículo.

d) Fale um pouco dos desafios como mulher, negra e escritora. Como você enxerga o racismo estrutural no dia a dia?

Quando falo da menina preta que fui, deixo algumas pessoas meio zangadas comigo, pois de certa forma fugi da famosa história única destinada aos negros.

Não passei fome, não sofri violência de qualquer forma, estudei com tranquilidade e só comecei a trabalhar com dezoito anos. Só saía de casa com meus primos, ia e voltava da escola acompanhada. Minha primeira viagem com estranhos foi aos 23 anos.

Algumas coisas me incomodavam no seio familiar, mas achava que era birra de adolescente, em contexto amplo.

Aos 54 anos, comecei meu letramento racial e entendi o que era a história única dos negros. Aprendi que eu era a preta “Oreo”, ou “Prestígio” ou, como aprendi mais

recentemente, “jabuticaba”. Traduzindo: preta por fora e branca por dentro. Ao menos achava.



Comecei a aprender sobre privilégio branco, discriminação institucionalizada, microagressões, e a intersecção de raça com outras categorias de identidade, como gênero, classe social e sexualidade. E, ao conhecer conceitos como colorismo, passabilidade, interseccionalidade; comecei a entender feminismo negro, racismo institucional e estrutural, meritocracia; só então percebi que o incomodo no seio familiar não era coisa de adolescente aborrecido. Entendi o quanto de tudo isso eu havia atravessado sem saber.

Posso ter tido uma infância diferenciada, mas não imune. Por outra, até certo ponto minha avó me blindou, passando ela por todas as etapas da condição de mulher, preta, pobre, chefe de família, esposa, mãe de muitos filhos. Ela foi inteligente e atitudes como querer morar no centro da cidade, nos resguardou de sofrer os abusos que corpos pretos sofrem nas periferias. Se eu não sofri coisas “típicas” destinadas aos jovens negros, foi por conta do instinto dela.

Isto não significa que, internamente, o ambiente familiar não era totalmente moldado na doutrinação do racismo estrutural. Em resumo o ideal era ser branco, não sendo, ser o mais claro para poder viver com e como os brancos. Nessa dinâmica familiar, nenhum dos meus talentos foram vistos e incentivados além de aprender a ler e escrever. Eu era a mais escura dentro de casa. Era gorda. Não fazia nem a imagem de gostosa que poderia ajudar um pouco na ascensão social.

Entretanto, com a blindagem dada por minha avó, fui avançando. Tenho que dizer que consegui a confiança de pessoas brancas que me ajudaram muito. Até porque todos os avanços empurravam-me para juntos dos brancos. E, quando conquistei a faculdade, conheci uma outra faceta: a mobilidade social. Sem ter conhecimento sobre o conceito, quando

transitei entre as dificuldades da raça, gênero e classe para ambientes de privilégios culturais, de aprendizagem e predominantemente branco, a dualidade das condições me colocaram em uma encruzilhada: não pertencia nem aos meus pretos que me achavam uma “negrinha metida porque estudou” e nem aos brancos, pois minha pele não é clara.

Recentemente, lendo o livro “Minha História” da Michele Obama, soube que ela passou por isso ao relatar que uma prima, querendo afrontá-la, perguntou “por que ela falava como branco”, o que a deixou confusa, pois pareciam ser

parentes, mas de dois mundos diferentes. Tal qual a ex-primeira-dama, fiquei confusa e acabei isolada.

Devo salientar que quando entrei na faculdade não foi por cota, pois isso não existia. E entrei em uma que era particular, por teimosia, mostrando que tinha potencial e ralando muito. Mais um conceito falido: meritocracia.

Quando uma branca sem estudo tomou a vaga que seria para mim, pois o requisito básico era ter curso superior, percebi que era racismo, mas achei “normal”. Aliás, nessa época achava que os USA eram um horror e acreditava que no Brasil não havia racismo como lá.

No filme “Estrelas Além do Tempo”, uma das protagonistas negra diz que quando estamos perto da linha de chegada, “eles” a empurram mais para frente. Foi assim comigo: fiz todos os passos em estudo, aprendi idioma, informática e nunca foi o suficiente para atingir aquele lugar de conforto, carro e casa própria. Não fui empregada doméstica, trabalhei em ambiente de branco, tinha conforto, mas nunca condições semelhantes.

Quando fiz minhas descobertas raciais, entendi o quanto esses saberes explicavam os fracassos dos quais me culpava.

Mas, se for buscar na memória, ser preta não atrapalhou minha trajetória de escritora. Isto porque eu sou da era da informática, da Internet e tudo que comecei a publicar foi em grupos nas redes sociais da época. As coletâneas das quais participei foram por seleção de originais. E eu escrevia sob outro atravessamento que é o LGBTQIA+. Pessoalmente, poucos me conheciam.

Minha família não incentivava, porque eu não mostrava o que estava fazendo, mas também não creio que o fizessem se soubessem. Até hoje, ainda não contei para todos parentes sobre o prêmio que acabei de ganhar.

Os amigos, um ou outro, sabiam das poesias ou foram em um único lançamento de livro físico no qual participei.

Aqui em Londrina comecei a me mostrar como pessoa, mas ainda pouco consciente da minha identidade de mulher preta. Minhas habilidades intelectuais deixaram muitos espantados no sentido de “como uma preta pode ter esse conhecimento”. Também já senti ser a preta de estimação. Contudo, conquistei respeito, amizades, pessoas para compartilhar saberes. Confesso que ainda estou em ambiente branco sendo quase sempre a única negra, o que até me eleva em opiniões e vivências. Não que me incomode, mas gostaria de me relacionar mais com a cultura africana de fato.

Então, não posso dizer se sofri algum empecilho por ser mulher e preta. Penso que é igual a história do bichinho que por ser surdo, rompeu dificuldades e venceu, pois não ouvia as palavras de desmotivação que todos gritavam. Fui e fiz, sem pensar que era mulher, preta, pobre, gorda e tudo o mais.

Hoje sou ativista, tenho planos de criar um canal no Youtube para letramento racial de forma simplificada, para pessoas acima de 50 anos. Promover esse tipo de aprendizagem envolve esforços contínuos de educação e reflexão crítica. Assim como eu demorei a fazer o meu, muitas mulheres pretas, na minha faixa etária, ainda não sabem como as questões raciais influenciam as estruturas sociais, econômicas e políticas, quanto a habilidade de agir de maneira informada e crítica frente a essas questões.

A geração mais nova está muito bem informada, faz seus movimentos e leva adiante a quebra das correntes que



teimam em existir. Mas as mulheres pretas mais antigas ainda rezam pela cartilha que nos ensinaram, aqueles conceitos que nos diminuem, aqueles mecanismos que nos levam a acreditar que somos feios, subalternos, inferiores, incapazes. Como aprendi com a Djamila Ribeiro, quero ensinar os nomes desses conceitos para que possamos saber identificar e combater-los. Ensinar como aplicar conhecimentos sobre raça, identidade racial, e o funcionamento do racismo na sociedade.

Aqui em Londrina sofro (verbo no presente mesmo) racismo, mas o que mais entristece é que, na maioria das vezes, vem das pessoas pretas que estão sob o feitiço branco de que todo preto tem que ser subalternizado. Claro, não é pela questão profissional, pois é óbvio que qualquer função é digna e merecedora de respeito. Mas é o fato de a cor da pele determinar que você não pode ser um médico, uma empresaria, uma escritora e isso ficar como uma verdade para as pessoas pretas. É isso que eu quero

combater: essa questão das castas.

Bom, mas isso daria umas três edições desta revista. Ou mais.

Para o futuro quero aprender mais sobre as religiões de matriz africana. O pouco que sei li na HQ “Conto dos Orixás”, do Hugo Canuto, que nos leva a questionar porque as divindades de outras mitologias que regem os mesmos elementos não são colocadas como demoníacas da forma que as de matriz africana são. A capa dessa HQ é inspirada em uma outra que mostra os Vingadores, super-heróis da Marvel dos quadrinhos. Em sua capa, Canuto coloca orixás nas mesmas posições dos personagens originais. Boa reflexão, com certeza.

Meu outro objeto de estudo é a filosofia kemética; que busca provar que o Egito, ou Kemet, a terra dos pretos, é o real berço filosófico da civilização.

Por fim, sei que o letramento racial exige disposição para aprender, desaprender e reavaliar continuamente as próprias crenças e comportamentos. É o que tenho feito.

A verdade é que não quero mais ficar tão longe das minhas raízes.

e) Recentemente você foi selecionada no Prêmio Nacional Carolina de Jesus, promovido pelo Ministério da Cultura. Como foi conquistar este reconhecimento?

Ter sido selecionada como uma das ganhadoras do Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres 2023 tem muitos significados. Desde o fato de Carolina ter catado papel com a minha avó, até a representatividade de ter sido a única mulher preta de Londrina a despontar dentre 2600 mulheres inscritas.

Há quase sete anos enviei meu texto “O Cardápio da Vó Olga” para concursos e leis de fomento, de qualquer abrangência. E é uma honra ter o reconhecimento nesse que é a retomada, com força total, do Ministério da Cultura que criou a Secretaria da Formação, Livro e Leitura e com esse prêmio promoveu a pluralidade na literatura brasileira, destacando a

necessidade de ampliar a representatividade e dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados na literatura. Foram premiadas mulheres pretas, indígenas, quilombolas, trans e houve cota para ciganas que infelizmente não se inscreveram.

Quando penso que estou lá entre essa diversidade, premiada com um livro que homenageia minha avó, representando uma mínima parcela da produção literária preta aqui de Londrina, é difícil conter a modéstia. Fui selecionada com a pontuação máxima de 30 pontos e, dos três critérios, o que mais me deixou orgulhosa foi tirar 10 em contribuição à cultura nacional. É isso que eu quero: contribuir para a cultura nacional com histórias que cheguem para mim de todas as formas e, como uma “griot”, eu as devolva ao povo em linguagem popular, com emoção, verdade e realidade, sem perder a mágica poética da escrita.

Mas tenho que destacar que a produção literária feminina de Londrina é muito rica e vasta. Neste mesmo concurso, ainda que não premiadas, mas tivemos nomes conhecidos aqui da cidade entre as classificadas.

Os dados estatísticos levantados a partir das inscritas, vão afunilando de tal forma que ao ser a única escritora aqui da cidade, a relevância do prêmio é grandiosa até mesmo para o Estado do Paraná e, claro Londrina.

O único senão é que ainda estou esperando a premiação em dinheiro para poder publicar o livro. Torcendo para

vir logo. Quero colocar os causos e receitas da D. Olga disponíveis o mais rápido possível para a apreciação popular.

O livro não tem uma narrativa temporal, portanto vários anos são retratados e podemos ver a evolução das gerações que perpassam ao longo dos meus quase 60 anos. Quando escrevi a primeira versão, eu tinha 53 anos. Foram sete anos de insistência, trocando a minha idade em cada versão apresentada em algum concurso. Quando lançar esse ano, terei que trocar novamente.

Eu quis que fosse um livro sobre amor de avó. Penso que as avós são avós em qualquer nacionalidade, raça e classe. Não escrevi meu livro de forma panfletária, apesar de apresentar cunho histórico, social e antropológico que se constrói apenas como decorrência de suas narrativas.

Meu livro é alegre, mesmo quando a vida nos pede tristeza. É o entrelaçamento de vidas. Onde termina minha avó, eu a eternizo através da oralidade do meu olhar. Jamais ela termina em mim.

Este livro é para eternizar nossas histórias.

f) A Revista D’arte circula por um público amplo e países da Europa e América Latina. Agradecemos a gentileza de sua atenção e pedimos que deixe um recado aos nossos leitores

Eu agradeço imensamente pelo espaço concedido para falar da minha arte e de mim de forma tão plena. Não é a última, mas é uma das linhas de chegada que consigo cruzar pilotando minhas palavras.

Para quem quer se lançar na arte da escrita, a perseverança é a melhor amiga para os postulantes. Começa com a falta de pudor em expor o que escreve, seja de forma aberta mostrando para amigos e parentes; seja mais discretamente, enviando para concursos e avaliações mais sigilosas. Qualquer que for a forma escolhida, não (e eu repito NÃO) desista nas negativas, piores notas e avaliações desfavoráveis. O mercado é inconstante, temas sobem e descem conforme outros meios divulgam suas importâncias.

Carolina Maria de Jesus quando apareceu na década de 1960 fez mais sucesso fora do Brasil. Entretanto, nos anos 2000 virou febre nacional e sua obra toda foi publicada. Conceição Evaristo, aquela que me selecionou e eu não conhecia, hoje se tornou imortal na Academia Mineira de Letras e é postulante na Academia Brasileira de Letras.

Claro que não falo para esperarem décadas. Falo para produzirem por quanto tempo for necessário para concretizar o sonho literário.

A escritora inglesa Virginia Woolf em seu livro “Um teto para todo seu”, dirigindo-se especificamente às mulheres, diz que o que precisamos é de um recurso financeiro mensal que nos permita apenas escrever.

Ainda que não tenhamos nosso quinhão financeiro, se realmente temos no sangue o desejo literário, sempre arrumaremos tempo para rabiscar nossas vozes interiores em qualquer folha de papel, parede, teclado, usando qualquer recurso. Depois, é soltar no mundo. Boa sorte!

g) Links de suas redes sociais:

Instagram: @jackie_rodrigues

Facebook: <https://www.facebook.com/cidajack>

e-mail: cidajack1313@gmail.com

III Concurso de Dramaturgia Flávio Migliaccio

Criado com o objetivo de abrir espaço para novos talentos, o Concurso de Dramaturgia Flávio Migliaccio já está na sua terceira edição e com inscrições abertas até o dia 01 de março. Produzido pela Frankfurt Produções o concurso faz uma homenagem ao ator Flávio Migliaccio e revela autores do teatro brasileiro nas categorias adulto e infantil. Mais informações e inscrições podem ser feitas pelo site <https://dramaturgiaflaviomigliaccio.com/>

“Esse concurso foi uma maneira que encontrei de fazer com que o autor tornasse conhecido seu texto, tirando-o da gaveta, e da sua peça entrar na pauta de um teatro. Foi uma forma de concretizar um sonho antigo de prestar uma homenagem a um ator querido por uma geração e também muito importante para a dramaturgia brasileira, além de chamar a atenção para a valorização do texto teatral”, diz Francis Ivanovich, idealizador do projeto.

Um dos textos vencedores do I Concurso de Dramaturgia Flávio Migliaccio em 2020, a peça “Aos sábados” de Adyr de Paula, volta aos palcos em abril no Teatro Fashion Mall, em São Conrado. O autor se inspirou na história de sua mãe, uma mulher batalhadora que criou quatro filhos com seu trabalho de costureira e aos 60 anos foi diagnosticada com Alzheimer. Segundo ele, “a criação da peça, uma obra de ficção baseada em alguns fatos reais, foi um processo terapêutico, uma forma de celebrar o amor e fazer uma justa homenagem”.

O espetáculo fez grande sucesso em outras apresentações na cidade e tem pré-estreia para convidados no dia 5 de abril, às 20h, na sala 1 do Teatro Fashion Mall. A nova temporada ficará em cartaz do dia 6 ao dia 28 de abril, sempre aos sábados e domingos, às 19h, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura/Lei Rouanet – nº 8.313).



Londrina pede Samba

Divulgação



Na edição 2024 do projeto cultural Londrina pede samba, a bateria de samba se apresentou com os segmentos artísticos (baianas, mestre-sala e porta bandeira, passistas) e trouxe para o público dos bairros Vila Ricardo (Zona Leste); Conjunto Cafezal (Zona Sul); Avenida Saul Elkind (Zona Norte) e Jardim Santa Rita (Zona Oeste) uma pegada rítmica inovadora com o luxuoso apoio de Joãozinho do cavaco e do cantor Zé Maria e que animou e impressionou a galera com a interpretação de sambas enredos e clássicos do samba. A organização, produção e agenciamento da bateria e seus segmentos foi do Instituto Cultural Arte Brasil.

O bloco Sapucaí integrou o projeto com grande sucesso. Apoiada por destacados músicos de Londrina, a cantora Indayanna usou toda sua experiência e talento para movimentar o grande público presente nas 4 regiões da cidade com hits do axé music, sambas tradicionais, frevos e samba-rocks de Jorge Benjor.

O bloco Sapucaí é formado pela cantora Indayanna, pelo guitarrista Maike Acústico, pelo tecladista Clecinho Jr, pelo baterista Elthon Dias, pelo baixista Neto Borici e pelos percussionistas Fábio Borges, Luciano Baiano e JP

Pires.

O projeto Londrina pede samba 2024 foi realizado entre 9 e 13 de fevereiro num ambiente de muita descontração, segurança e alegria, com respeito ao meio ambiente atraindo famílias, adolescentes, jovens e pessoas da terceira idade que estavam agradecidas pela realização dos shows nas 4 regiões de Londrina.

Tudo isso propiciou a movimentação da economia criativa com venda de doces, salgados, alimentos produzidos a partir do milho, lanches, sucos e refrigerantes e que, segundo os pequenos comerciantes, superou as expectativas além da tranquilidade com o apoio de seguranças, guarda municipal, Polícia Militar e bombeiro civil. O projeto conta com patrocínio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Londrina) através da Secretaria Municipal de Cultura e Prefeitura Municipal de Londrina, com realização do Grêmio Recreativo Cultural Escola de samba Explode Coração.

Assessoria de comunicação: Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)



ARTETERAPIA CONSTRUINDO A FELICIDADE

Pollyanna Sela



RESUMO

Neste artigo, apresentaremos o conceito de arteterapia, mas com o foco que vai além de construir algo novo, veremos a importância das cores, na vida cotidiana e sua utilização diária para efetivamente concretizar a felicidade, que sim, através das pesquisas diversas podem ser encontrados referencial extenso a respeito, será disposto nesse artigo, aplicações que demonstram a arteterapia construindo a felicidade através da utilização das 7 cores principais e suas respectivas misturas e não somente para trabalhar a arte e as cores para traumas e situações, a maioria dos artigos que tenho lido, trazem a arteterapia como método de leitura do inconsciente e subconsciente “as memórias”, trazem como leitura dos traumas e até armadilhas do inconsciente, mas nesse artigo, veremos a disposição de um novo mundo que pode ser criado e co-criado por escolhas, decidir ser feliz, atuar como ser feliz, co-criar para si mesmo o efeito felicidade.

INTRODUÇÃO

Tenho observado que colocam a função da arteterapia somente como uma forma de trabalhar com os traumas e os diversos problemas que através das experiências da vida são acumuladas no ser humano, porém a arteterapia é um estudo, uma ciência, que está além das principais características do universo terapêutico, é muito interessante observar as características que vão além de terapia artística, em todas as partes que observamos a arte e que são as cores que envolvem uma imagem e são inebriantes, mesmo aquelas que são consideradas mais grotescas aos olhos populares, mas neste artigo, trago uma visão da verdadeira felicidade, através das cores, a alegria de observar a beleza das vitórias em traços que se alinham ou desalinham, quero demonstrar o quanto a felicidade que se encontra em todas as coisas, nos levam a avançar nessas linhas do universo infinito das cores e traços, de acordo com os artigos pesquisados, existe sim ideias que demonstram um breve encontro dessa tal felicidade, então se misturam, artigos que elevam a qualidade das emoções e outros artigos que expõem a dificuldade que a maior parte das pessoas teriam de observar esse sentimento, veremos o quanto podemos mergulhar na beleza de se viver um mundo melhor, pautado em escolhas, escolher ser feliz.

DESENVOLVIMENTO

A arteterapia é utilizada como expressão artística e procedimentos terapêuticos para trabalhar bloqueios de comunicação e sentimentos. Para contribuir com a qualidade de vida, são utilizados recursos como pintura, desenho, poesia, colagem, modelagem, fotografia, música, dança e qualquer outro tipo de arte – seja de forma ativa, quando o paciente produz a arte, seja de forma passiva, quando ouve uma música ou visita uma exposição tendo como propósito a terapia, por exemplo.

Diferentemente do artesanato, a arteterapia não visa criar algo bonito e rentável: essa técnica busca trabalhar os sentimentos reprimidos do paciente por meio de recursos artísticos. Neste caso, a expressão e o processo criativo funcionam como um estímulo para auxiliar no raciocínio, em relacionamentos afetivos e na coordenação motora.

As orientações são realizadas por um profissional de psicologia capacitado e as sessões podem acontecer em grupo ou de forma individual. Essa técnica pode ser aplicada em pessoas de todas as idades e é utilizada para estimular reflexões de autoconhecimento, minimizar estresse e trabalhar experiências traumáticas de uma forma mais harmônica por meio da arte. Essa modalidade terapêutica contribui para a compreensão de dificuldades e ainda possibilita ferramentas para resoluções de problemas e enfrentamento de situações desconfortáveis.

Esse tipo de terapia é reconhecido pela OMS por proporcionar diversos benefícios e promover a qualidade de vida. A ferramenta promove o autoconhecimento e a reflexão sobre si próprio, ajuda na expressão e comunicação de sentimentos, explora a imaginação e criatividade, diminui estresse e ansiedade, eleva a autoestima e ainda contribui para a concentração, atenção e memória.

Assim como algumas pessoas roem as unhas sem perceber quando estão ansiosas, na arte é possível enxergar emoções e sentimentos dos quais o paciente não tem consciência. Em cada categoria é possível trabalhar um aspecto da vida, desenvolver habilidades de expressão e combater bloqueios. Por exemplo, na escrita é possível trabalhar a imaginação e criar histórias a partir das próprias experiências; já a dança trabalha a consciência do próprio corpo e movimentos. Embora os livros de colorir tenham se popularizado nos últimos anos por diminuírem o estresse, eles não podem ser definidos como arteterapia, pois colocam limites à criatividade.

Para que a arte tenha fins terapêuticos, é importante realizar as atividades junto a um profissional especializado que pode orientar o paciente com exercícios como:

Desenho e pintura: a espontaneidade de desenhar e colorir pode ajudar a representar os sentimentos internos e a forma como a pessoa enxerga a si própria e o mundo.

Escrita: sem se preocupar com as normas, a ideia é se concentrar na mente e deixar a escrita fluir sem selecionar, editar ou julgar. O exercício ajuda a expressar os pensamentos.

Colagem: a partir de elementos prontos, é possível selecionar e tirar imagens para construir algo novo – sair do que existe para o que deseja.

Dramaturgia: ajuda a desenvolver a imaginação, já que a pessoa precisa improvisar ao interpretar um papel pré-estabelecido. Por meio dessa técnica, o terapeuta consegue identificar traumas e entender a visão de mundo do paciente.

Dança: diferentemente da fala, a comunicação não-verbal é mais espontânea e não mente. O desafio dos movimentos corporais nesta atividade é transmitir uma mensagem por meio de gestos.

De acordo com, Jung (1981) define como Tipos Psicológicos modelos que refletem as disposições psicológicas, que dispõem possibilidades dentro das quatro funções psíquicas fundamentais, identificadas no subitem anterior, e também em relação ao movimento predominante da libido, introversão ou extroversão. Pode-se então inferir oito tipos psicológicos possíveis: pensamento extrovertido, sentimento extrovertido, sensação extrovertida, intuição extrovertida, pensamento introvertido, sentimento introvertido, sensação introvertida e intuição introvertida.

Silveira (1992) apresenta o tipo pensamento extrovertido como uma personalidade consciente extrovertida, assim como a função principal pensamento dirigida para o exterior. A atitude deste tipo é voltada a estabelecer ordem lógica e clara entre coisas concretas. O tipo pensamento extrovertido geralmente tende a não se atrair pelo raciocínio abstrato. Em determinadas situações pode revelar um perfil autoritário, pois tende a fazer prevalecer seu ponto de vista de maneira rígida e impessoal, principalmente no contexto familiar. Ao não considerar singularidades pessoais, acaba por aplicar seus princípios e também suas próprias regras aos demais. Segundo Silveira (1992) o tipo sentimento extrovertido apresenta-se de forma acolhedora e afável, o que resulta em uma interação social marcada por manifestações de afetividade. Esses indivíduos são capazes de identificar qualidades positivas e negativas em pessoas e podem destacar-se na vida pública pelo apelo emocional de sua personalidade. O tipo de sensação extrovertida reflete.

Para Silveira (1992), numa apreciação sensorial das coisas, possuindo um seguro sentido da realidade para se relacionar de modo prático com objetos exteriores. Esse tipo tende a repelir as questões teóricas de caráter geral, preferindo o realismo encontrado na descrição exata dos objetos.

Silveira (1992) apresenta a intuição extrovertida como um tipo que busca constantemente novas possibilidades. Segundo a autora, esse tipo tem facilidade para iniciar novas atividades, mas também é comum que não termine as atividades que iniciou. Esses indivíduos tendem a não se sentir realizados em situações estáveis. No tipo pensamento introvertido.

Silveira (1992) descreve indivíduos que enfatizam a resolução dos problemas que considera importante. Tendem a se sentir irritados com pessoas que apresentam ideias gerais confusas, mal compreendidas e mal formuladas. Este tipo, em contraposição ao seu tipo extrovertido, prefere buscar ideias novas e originais.

Silveira (1992) relaciona o sentimento introvertido a pessoas aparentemente calmas, retraídas, silenciosas, podendo ser consideradas pelas outras pessoas como frias e indiferentes, quando, no entanto, possuem sentimentos profundos que estão internalizados devido sua introversão. É importante ressaltar nesse tipo que os afetos não se desenvolvem apenas em relação ao amor e ao devotamento, mas também em relação ao ódio e a crueldade que podem ser manifestos devido a influência função superior.

Silveira (1992) compreende a sensação introvertida como um tipo sensível às impressões provenientes do objeto. Diferente do seu correspondente extrovertido, o tipo de sensação introvertida não se baseia apenas na realidade externa, mas principalmente aos seus significados subjetivos atribuídos aos objetos a partir da sua experiência sensorial interna. 19 Para Silveira (1992), a intuição introvertida descreve esse tipo psicológico como sensível à atmosfera dos lugares e possibilidades novas. Tem como característica essencial a aptidão para captar os processos que ocorrem no inconsciente coletivo, as transformações, as elaborações de conteúdo que dialogam com as condições do tempo e da história. Este tipo tende a não executar seus numerosos projetos, pois como a função ligada a realidade é sua função inferior, se cansa e se aborrece com coisas que lhe parecem óbvias.

A principal verdade da arte de ser feliz continua sendo a de que tudo depende muito menos daquilo que se tem ou representa do que daquilo que se é através da personalidade a felicidade suprema. Em todas as ocasiões possíveis usufrui-se na verdade apenas de si mesmo: se o próprio eu, não vale muito, então todos os prazeres são como vinhos excelentes em boca azedada com fel. Schopenhauer concebeu de fato o intento de reunir num pequeno manual uma série de pensamentos que ensinam como viver com o máximo de felicidade possível num mundo em que a felicidade e o prazer são apenas quimeras, mostradas a distância por uma ilusão, enquanto o sofrimento e a dor são reais e manifestam-se diretamente por si, sem a necessidade da ilusão e da espera.

Nós já sabemos como as cores podem influenciar o nosso humor e refletem até nossa personalidade.

Exemplo:

1. Amarelo

Você está procurando uma cor revigorante e animadora? Pois o amarelo é o tom da felicidade e da luz solar. “Ele também causa a liberação de serotonina, neurotransmissor químico que contribui para uma sensação de bem-estar. Então, cientificamente falando, é a melhor cor para levantar os ânimos”, diz Lorna. Seja leve e fresco ou ousado e brilhante, o amarelo também tem o poder de estimular a criatividade. É possível aplicar a cor em qualquer cômodo da casa, até em quartos e banheiros.

- O amarelo pode ser muito forte, então permita que a cor brilhe contra um pano de fundo cinza elegante para criar um ambiente equilibrado.

2. Verde

A Pantone elegeu a cor Greenery como a cor do ano de 2017 pela simbologia de novos começos. “O verde representa tranquilidade e calma para trazer felicidade em sua vida. Nas suas formas mais suaves, é um tom da natureza que ajuda na concentração e relaxamento. Já os verdes mais fortes têm o poder de animar, além de provocar um efeito estimulante. Usar o verde em casa também conecta os moradores com o ar livre”.

- Misture e combine diferentes tons de verde, inspirando-se em belos jardins.

3. Azul

O azul é uma cor calmante e serena que, mesmo em suas formas mais ousadas, provoca benefícios diretos para a mente e corpo. “Esta cor simboliza a lealdade e a confiança. Quem escolhe o azul é considerado seguro e responsável”, diz Lorna. As pessoas tendem a ser mais produtivas ao trabalhar em ambiente azuis, pois a cor também proporciona calma e foco. Os tons funcionam melhor em banheiros, sala estudos e quartos.

- Use um azul com um outro tom mais quente para impedir que o ambiente fique frio. Cria uma ilusão de espaço com tons semelhantes nas paredes, molduras e piso, para unir os cantinhos dos cômodos.

4. Rosa

“Tons de rosa costumam ser a escolha de pessoas amáveis e generosas”, explica Lorna. Rosas mais claros refletem calor e sensibilidade e também representam a cor do romance. Já os vibrantes simbolizam uma visão otimista da vida. É divertido, enérgico e inspirador e melhor usado em espaços como salas de estar e jantar e quartos.

- O rosa pode deixar os ambientes menores. Portanto, esta cor fica melhor em espaços com grandes janelas ou que recebem muita luz.

5. Vermelho

“O vermelho é uma cor arrojada e confiante. Estudos mostram que ele aumenta a frequência cardíaca e induz emoção, por isso é ideal para pessoas enérgicas que não gostam de ficar paradas”, diz Lorna. Mas como usar a cor? “O tom exige atenção e simboliza otimismo, confiança e vitalidade. Portanto, fará um ambiente ficar mais acolhedor e cria a percepção de calor, especialmente durante os meses de inverno”.

- O vermelho pode ser muito forte, então dê preferência às estampas e pequenos itens de decoração, para diminuir a intensidade da cor sem perder de vez sua vitalidade.

Algumas dessas reações abaixo:

Vermelho: paixão, desejo, ira, energia e excitação

Preto: sofisticação, negação, elegância e formalidade

Azul: espiritualidade, lealdade, fé, tranquilidade e confiança

Amarelo: conhecimento, sabedoria, alegria, otimismo e esperança

Rosa: saúde, felicidade, amor, inocência e charme

Marrom: confiabilidade, estabilidade e simplicidade

Branco: proteção, respeito, pureza, limpeza e paz

Roxo/Violeta: realeza, erotismo, sabedoria, conhecimento e sensibilidade

Verde: perseverança, autoconsciência, tenacidade, orgulho e vigor

Laranja: energia, humor, calor, vibração e entusiasmo

Dourado: riqueza, calor, preciosidade e opulência

Prata: fascínio, suavidade, maciez e elegância.

Pode-se dizer que o excesso das cores também pode causar desconfortos, por isso é preciso utiliza-las com equilíbrio, no entanto a escolha por inserir as cores e traços nas rotinas do cotidiano o uso apropriado das cores e seus tons faz-se necessário para liberar no organismo físico os hormônios/ substâncias desse respectivo sentimento, são elas: dopamina, serotonina, melatonina, gaba (é um neurotransmissor, ou seja, um mensageiro químico que transmite informações de um neurônio para outro, regulando o sistema nervoso. Ele é produzido naturalmente pelo organismo), noradrenalina, oxitocina, também chamados de “hormônios do prazer”, a dopamina, serotonina, endorfina e a ocitocina são substâncias químicas produzidas pelo cérebro e essa ausência que pode causar mau humor entre outros sentimentos já reconhecidos por nós e descritos na maioria dos artigos produzidos em rede de pesquisas.

5 formas de aumentar a ocitocina naturalmente

Contato físico. O contato físico na forma de abraços, massagem, cafuné e carinhos estimulam a produção de ocitocina, e é uma das causas do bem estar quando é realizado;

Praticar boas ações;

Amamentar;

Ter uma alimentação equilibrada;

Adotar um animal de estimação.

A ocitocina tem ligação com reduções de ansiedade e outros sentimentos ela afeta diretamente a produção de endorfina em nosso organismo.

Tomar sol ajuda a manter a produção equilibrada de dopamina. Alimentar-se bem é condição indispensável para manter esse hormônio (e outros) em níveis saudáveis. Evite o excesso de açúcar (ele vicia) e aumente o consumo de alimentos ricos em tirosina (banana, soja, feijão e abacate).

Existem várias formas de estimular a liberação dessas substâncias na corrente sanguínea, através de atividades que despertem os sentidos, como também ouvir a música preferida, apaixonar-se e ter contato íntimo, por exemplo, porque com estes estímulos o sistema nervoso reage e libera estes hormônios no sangue, trazendo inúmeros benefícios para saúde.

Enfim, no processo arteterapêutico de se viver, ao colocar em movimento as práticas citadas a cima como exemplo de transformação, vamos redescobrimo, pouco a pouco, a arte de se viver a felicidade como sensíveis instrumentos de captação do mundo e neste universo, e assim, lá vamos nós, arteterapeutas e clientes, como pessoas que sonham, têm esperanças e criam juntas, exercitar, transformar, ampliar e harmonizar a vida em harmonia com a felicidade, tão almejada por todos.

Ser feliz aumenta a autoestima, fortalece o sistema imune, combate o envelhecimento e ainda diminui o estresse. A felicidade está ligada aos hormônios citados que é produzida pela hipófise e se espalha por todo o corpo através do sangue.

Outra questão fundamental, que não poderia deixar de ser citado, a fé como alicerce espiritual, a oração diária e a gratidão por tudo o que já se possui, de acordo com artigos das revistas “do Lar do Progredir Infinito” tradução para Seicho No Ie, Professor Masaharu Taniguchi, expõe, que os seres humanos são todos filhos de Deus e nasceram para serem felizes, só esqueceram como concretizar a felicidade, por tanto, é possível encontrar, cada passo em avanço a realização desses benefícios cada ser humano alicerçando a sua crença e fé, cada qual encontrando os seus próprios avanços, dentro das diversas pesquisas existentes a redor do mundo e cada um dentro do que já se for possível pôr em prática.

CONCLUSÃO

Para concluir, dispomos neste artigo, exemplos sucintos de como utilizar a arteterapia para o alcance da felicidade, as cores como estímulo visual, a música como estímulo auditivo e sensorial, os hormônios produzidos pelo organismo humano que se estendem no cotidiano, nas atividades da rotina da vida e demais atividades, faz-se necessário o uso contínuo de se produzir e reproduzir o que se precisa para a qualidade de vida psíquica diariamente, inclusive como preventivo para uma vida saudável e preenchida de bem estar e qualidade.

A meditação como alicerce, leituras edificantes alguns minutos que sucedem ao sono e o mais importante, atividades de praticar o bem ao próximo seja como você escolher, todos os dias.

Desejo enormemente que este artigo, sirva como referência para uma vida vigorosa, bem sucedida e preenchida de felicidade.

Pollyanna Sela é musicista e musicoterapeuta, formada em Hotelaria e Turismo e cursando Doutorado em musicoterapia pela Bircham International University.

Referências

Fonte: Grupo NotreDame Intermédica com informações dos portais Ministério da Saúde, Psicanálise Clínica e A Mente é Maravilhosa – acesso em 24/08/2020 – acesso em 04/01/2022.

Referência de Sites e Publicações:

O que são Cores, <https://www.significados.com.br/cores/>, pesquisa realizada em 04/01/2022.

Cores, [https://www.google.com/search?q=5+cores+que+transmitem+felicidade+e+calma+para+o+lar+%7C+CASA.COM.BR+\(abril.com.br\)&oq=5+cores+que+transmitem+felicidade+e+calma+para+o+lar+%7C+CASA.COM.BR+\(abril.com.br\)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBBzM1MGowajSoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=5+cores+que+transmitem+felicidade+e+calma+para+o+lar+%7C+CASA.COM.BR+(abril.com.br)&oq=5+cores+que+transmitem+felicidade+e+calma+para+o+lar+%7C+CASA.COM.BR+(abril.com.br)&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBBzM1MGowajSoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8), Pesquisa realizada em 04/01/2022;

Arteterapia - GNDI, pesquisa realizada em 05/01/2022,

A Arte de Ser Feliz - Arthur Schopenhauer, www.skoob.com.br, pesquisa realizada em 05/01/2022, ,

Pesquisa realizada em 05/01/2022,arteterapia e a felicidade pdf - Pesquisa Google.

Pesquisa realizada em 05/01/2022, Publicado originalmente no Volume III da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar – 1996.

Referência ao assunto sobre como concretizar a felicidade, O Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza, <https://sni.org.br>, disponível em 05/01/2022



Ricardo França Empreendedor a 30 anos

Formado em Empreendedorismo e Novos Negócios

EMPREENDEDORISMO

CULTURAL, EMPRESÁRIAL, CORPORATIVO, SOCIAL, NEGOCIOS...

Independentemente do segmento que atue no empreendedorismo todos irão precisar de se aprimorar em suas áreas específicas se quiserem realmente terem êxito. Principalmente se desejam ter resultados por esforço próprio e não depender de outros para que seu empreendimento de certo.

Bom lembrar que: O **empreendedorismo** é um processo de identificar oportunidades de negócio, desenvolver ideias inovadoras e criar um novo empreendimento. Seu objetivo é criar **valor cultural**, econômico, social e ambiental, através da criação de produtos, serviços ou soluções que atendam às necessidades do mercado e gerem lucro e impacto positivo.

Uma pesquisa feita pela Onu identificou além de perfis empreendedores 3 grupos que todo empreendedor precisa trabalhar de forma muito contundente.

Vamos colocar lós abaixo de uma forma muito objetiva de uma maneira que possa pensar sobre cada ponto citado e poder tomar sua decisão para o que deseja realizar ou melhorar.

São eles

REALIZAÇÃO – PLANEJAMENTO - PODER

Quando falamos de potencializar as chances de sucesso está incluso neste pensamento que no futuro possa realizar alguns sonhos como ter mais tempo de qualidade para você e para com sua família, mais dinheiro mais reconhecimento profissional ou um cargo melhor onde estiver trabalhando.

VAMOS ENTÃO AOS 3 GRUPOS

1 - REALIZAÇÃO

BUSCA DE OPORTUNIDADES E INICIATIVA

- 1 Atitude de fazer algo antes que alguém peça ou ser forçado por alguém ou situação.
- 2 Entrar em ação para expandir o empreendimento, para novos segmentos, produtos ou serviços.
- 3 Aproveitar oportunidades para iniciar um empreendimento obtendo recursos para novas conquistas.

Obs: procure recursos que não fique dependente ou na mão de quem proporcionou o mesmo. Importante ter sua liberdade salvaguardada e não dever favores a ninguém.

Ficar dependente tira sua criatividade.

DISPOSTO A SE SUBMETER A RISCOS CAUCULADOS

- 1 Avaliar as possibilidades e calcular os riscos implicados propositalmente.
- 2 Agir organizadamente para diminuir esses riscos.
- 3 Se interpor em cenários que tenha desafios ou riscos moderados.

Por mais que você se planeje sempre haverá um risco, porém, planejando de maneira correta diminui muito e te prepara para enfrentar os desafios que a vida lhe proporcionará. E isso faz parte do empreendedorismo de na vida de qualquer pessoa.

EXIGÊNCIA DE QUALIDADE E BUSCA DE EFICIÊNCIA

- 1 Procurar maneiras melhores de fazer coisas com maior velocidade e menor custo.
- 2 Realizar ações que satisfaçam e atinjam a excelência.
- 3 Desenvolver ou utilizar processos para que o trabalho seja realmente finalizado no prazo e conforme foi acordado com o cliente.

PERSISTÊNCIA

- 1 Agir diante de dificuldades significativas.
- 2 Agir insistentemente ou mudar de estratégia para enfrentar desafios ou obstáculos.
- 3 Assumir pessoalmente a responsabilidade pela performance exigida para atingir objetivos apresentados. Seja auto responsável não culpe outros pelo que você precisa fazer ou quando acontece algo errado.

COMPROMETIMENTO

- 1 Se esforçar além do necessário para finalizar uma tarefa, fazer sacrifícios pessoais.
- 2 Se colocar no lugar dos colaboradores para finalizar um trabalho, ajuda-los.
- 3 Esforçar se sempre em satisfazer os clientes, a boa vontade tem de estar em primeiro plano em longo prazo em perda do lucro a curto prazo.

2 - PLANEJAMENTO

São 3 comportamentos ligados ao planejamento:

BUSCA DE INFORMAÇÕES

- 1 Dedicar-se pessoalmente para ter informações sobre fornecedores, clientes e concorrentes.
- 2 Você mesmo deve investigar como produzir um produto ou prestar um serviço.

3 Consultar especialista para assessoria técnica e comercial.

ESTABELECIMENTO DE METAS

- 1 Criar metas e objetivos que ofereçam desafios e que tenham um significado pessoal.
- 2 Ter uma visão clara e específica de longo prazo.
- 3 Estabelecer objetivos de curto prazo que possam ser medidos.

PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO SISTEMÁTICOS

- 1 Planejar e dividir tarefas de grande porte em tarefas menores, estabelecendo prazos para sua realização.
- 2 Revisar periodicamente os planos considerando os resultados obtidos e as possíveis mudanças de cenários.
- 3 Manter registros financeiros para orientar as tomadas de decisões.

3 - PODER

Sempre pergunto em palestras ou em treinamentos de Alta Performance Profissional e Pessoal que ministro: Poder é bom ou ruim?

Sempre a maioria responde que é ruim.

Acredito que pela nossa cultura de submissão às nossas crenças ou sistema político, pensamos assim. Porém o poder se for usado de maneira positiva pode sim ser muito bom. Se você tem mais poder seja ele pelo cargo exercido ou pelo poder financeiro você tem muito mais condições de ajudar pessoas. A pessoa sem o poder do dinheiro, por exemplo, quando um membro de sua família está passando por necessidades fica difícil de ajuda-lo se você também está na mesma situação. Tendo mais dinheiro melhores condições, você tem mais poder para ajudar o membro querido de sua família.

Como o poder de **influenciar** pessoas outro ponto que abordamos em treinamentos.

A princípio parece forte dizer isso, mas todo líder ou empreendedor que é protagonista de sua vida é um influenciador. Porém eu disse **líder** que faz isso com amor e justiça no processo **profundo** de **Liderança** outro ponto. Bem como **Fortalecer Relacionamento Profissional e Pessoal**. Imprescindível à quem quer realmente exercer o papel de **Empreendedor e Líder e Protagonista** em sua carreira. Influenciar claro sempre para o bem. E O conhecimento é um poder que cabe a nós todos escolhermos usa-lo de maneira ética.

Segue os 2 comportamentos do Poder.

PERSUASÃO E REDE DE CONTATOS

- 1 Utilizar estratégias predefinidas para influenciar ou persuadir os outros.
- 2 Utilizar indivíduos chaves para o alcance de seus próprios objetivos.
- 3 Agir para formar uma ótima rede de contatos. (Networking)

INDEPENDÊNCIA E AUTOCONFIANÇA

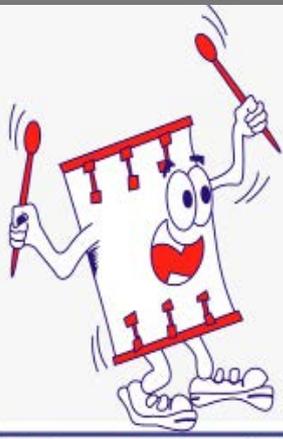
- 1 Buscar independência em relação a normas e ao controle de outros.
- 2 Manter sua opinião mesmo diante da oposição ou de resultados inicialmente negativos. Tenha coerência pense, estude.
- 3 Expressar confiança em sua própria capacidade de completar uma tarefa difícil ou de enfrentar um desafio.

Esse foram os 3 grupos relevantes ao empreendedorismo o desafio é colocar em pratica cada item desses grupos em prática. É a única maneira de saber se isso pode nos colocar no caminho do êxito. Afinal de contas, “não o saber, mas a ação leva ao sucesso.” (Aldous Huxley)

Claro que além desses grupos é preciso aprender e desenvolver sobre muitos outros pontos profundos ao empreendedorismo o conteúdo é muito amplo.

Em outros momentos falaremos sobre eles também mas comece por aqui!

“Não é sobre ideias. É sobre fazer ideais acontecerem.” (Scott Belsky)



BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

O projeto batuque na caixa recebeu no dia 22 de fevereiro a doação de 700 peças de material escolar que serão entregues a alunas e alunos atendidos nas oficinas culturais em Londrina e Cambé.

A entrega foi feita no Sesc Cadeião Cultural pelo gerente Rodrigo Figueiredo e pela colaboradora Leila e recebida pelo coordenador Aldo Moraes e pelo voluntário do projeto, Sr. Éder Ferreira. A campanha que se estende até 29 de março arrecada material escolar para as entidades parceiras e é encabeçada pelo Sesc e RPC. A interface com a valorização da educação e boas práticas ambientais são conceitos importantes do batuque na caixa que é realizado pelo Instituto Cultural Arte Brasil desde 1999 e recebe patrocínio da Sanepar, Rumo Logística e Unimed Londrina através da Lei Nacional de Incentivo a Cultura.

https://www.instagram.com/batuque_nacaixa/

Assessoria de comunicação: Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)



Projeto leva aulas de dança de salão gratuita para portadores de Síndrome de Down

Aberta as inscrições do projeto movimento inclusivo 21 Amigos da Dança, nesta edição serão ministradas aulas de Sertanejo, Forró e Soltinho. As informações e inscrições podem ser feitas através do contato 43 984068779. As oficinas acontecem nas sextas – feiras na sede da Associação da APS DOWN no Jardim do Sol. O projeto conta com patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, Promic e tem início previsto para primeira semana de março. A Síndrome de Down é caracterizada como uma condição genética. Este tipo de síndrome existe há mais de um século, e foi descoberta por John Langdon Down. Considera-se a mesma como sendo uma das causas mais frequentes de deficiência mental, abrangendo cerca de 18% do total de deficientes mentais em instituições particularizadas (MOREIRA et al., 2000). AFOX, 2007). Por meio da dança o portador de Síndrome de Down, estará desenvolvendo sua percepção corporal, permitindo assim um desenvolvimento correspondente em relação com o meio, penetrando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal destes portadores (CASTRO 2005). Através da prática da dança, o portador de Síndrome de Down, poderá ser provido de vários benefícios, como o melhoramento de seu desenvolvimento corporal, favorecendo assim a constituição da autoimagem, da autoestima e um autoconhecimento do corpo (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008). A dança também pode contribuir para que ocorra um desenvolvimento apropriado em relação ao meio que o indivíduo com Síndrome de Down vive. Assim o mesmo poderá desenvolver seu esquema imagem corporal (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES, 2008). O indivíduo com Síndrome de Down, através da prática da dança, estará utilizando o seu corpo

de maneira prazerosa, tendo assim boas sensações, também poderá adquirir melhores conhecimentos sobre seus sentimentos, podendo se expressar melhor, estimulando assim o seu desenvolvimento motor através de diferentes movimentos, passando assim a auxiliá-lo a enriquecer o desenvolvimento do esquema corporal (FURLAN; MOREIRA; RODRIGUES). O projeto Movimento Inclusivo 21 Amigos da dança é patrocinado pelo Programa Municipal de Incentivo a Cultura/PROMIC e Prefeitura Municipal de Londrina.

Assessoria de comunicação Nereu Pereira

Movimento Inclusivo 21 - Amigos da Dança

Amigos da Dança
BANCAIRISÓL

Vem dançar!

Prof^o Nereu

Inclusão é dançar ao ritmo da diversidade, celebrando cada passo único!

Forró, Sertanejo Soltinho e muito mais

Informações e Inscrições (43) 98406-8779

Patrocínio

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura

anos LONDRINA

Aulas gratuitas para portadores da Síndrome de Down



7 dicas para gravar vídeos no celular com qualidade de cinema

Lista reúne instruções simples como ajustar a iluminação, variar a taxa de quadros e usar tripé para ajudar os usuários a gravar vídeos com aspecto profissional no celular

Gravar vídeos com qualidade de cinema no celular se tornou uma tarefa mais fácil com o passar dos anos, graças às câmeras que ficam mais completas a cada geração. Recursos como estabilidade óptica, zoom óptico e taxas de captura elevadas, bem como a possibilidade de acoplar lentes extras, permitem gravar vídeos com aspecto profissional, mesmo que você não tenha equipamentos de filmagem avançados. Assim, celulares com conjuntos fotográficos robustos, como o iPhone 15 Pro Max, o Galaxy S24 Ultra e o Xiaomi 13 Ultra, entregam qualidade respeitável até para a gravação de clipes musicais, por exemplo.

Mas engana-se quem pensa que filmar conteúdos audiovisuais com qualidade profissional é uma exclusividade de usuários de celulares topos de linha. Para provar isso, o TechTudo reuniu uma lista com sete dicas e truques que, se seguidos, podem trazer qualidade cinematográfica para seus vídeos pessoais. É importante destacar que todas as orientações listadas abaixo podem ser aplicadas à maior parte dos smartphones —desde que eles tenham certos recursos básicos.

Confira a seguir.

1. Use um aplicativo de câmera profissional

Existem aplicativos que permitem um controle mais fino de diversas especificações da câmera do smartphone, e o Filmic Pro é um deles. Disponível para Android e iOS, o app possibilita ajustar manualmente configurações como resolução, framerate, áudio, temperatura, exposição, foco, ISO, entre outras. Há uma versão gratuita para testes, mas recomenda-se comprar a versão completa para melhor aproveitamento das ferramentas do Filmic Pro.

Se não quiser investir em um aplicativo externo, uma dica útil é aprimorar o aplicativo de câmera nativo do celular ativando o “modo manual”, que em alguns modelos é chamado de “modo profissional”. O processo de ativação muda conforme a fabricante do aparelho. Em celulares da Samsung, basta abrir o app da câmera e tocar em “Mais”. Em modelos Motorola, é preciso selecionar, no app da câmera, a opção “Modo profissional”. Em iPhones, os ajustes avançados ficam em “Ajustes” — também no app de câmera.

2. Escolha bem a iluminação

A escolha da iluminação tem papel fundamental na qualidade do vídeo. Em locais fechados, utilizar luz artificial, com lâmpadas, bastões ou rebatedores de luz é uma ótima forma de garantir uma boa iluminação à filmagem. Se estiver em locais abertos, aproveite a luz natural do sol em períodos como pouco depois do amanhecer ou antes do pôr do sol. Em ambos os casos, o resultado deve ser satisfatório, mas é preciso atenção à quantidade correta de luz, uma vez que a superexposição pode acabar “estourando” as imagens — e nem sempre é possível corrigir isso na pós produção.

Gravações em ambientes internos ou durante à noite requerem uma atenção extra, já que é preciso providenciar a iluminação adequada para que a filmagem tenha aspecto profissional. Caso a única opção de iluminação disponível seja o flash da câmera, tome cuidado com possíveis sombras geradas pela fonte de luz. O ideal é que a gravação tenha pelo menos duas fontes de luz, a fim de harmonizar a iluminação e garantir uma produção com aspecto profissional.

3. Mantenha o celular firme

Um detalhe simples, porém importante, é a estabilidade do smartphone durante a gravação. Embora seja possível estabilizar o vídeo na edição, este acaba sendo um trabalho a mais na pós-produção. Para poupar tempo, é interessante investir em um tripé. O acessório garante estabilidade adequada, evita tremores das mãos e melhora a qualidade e a percepção do vídeo por parte do público.

No caso de gravações em movimento, um acessório que pode ser útil é o estabilizador gimbal. Este equipamento fixa o smartphone em uma base, deixando-o parado em uma posição específica e facilitando o foco no alvo. Mesmo com o movimento da estrutura, o estabilizador deve garantir que a filmagem persista na perspectiva escolhida. A versatilidade do acessório permite que ele seja usado sozinho, com controle remoto e até fixado em drones. O estabilizador Gimbal H4 é encontrado na Amazon por a partir de R\$ 299,99.

4. Varie a taxa de quadros

É importante ajustar a taxa de quadros de uma gravação conforme a necessidade e objetivo do vídeo. Este ajuste é feito antes da filmagem e dita quantos quadros por segundo (fps) serão gravados. Por exemplo, gravações em 24 fps conferem um aspecto cinematográfico ao vídeo, enquanto vídeos com 60 fps costumam registrar bem o movimento por completo, podendo ser utilizados para registros de esportes.

Vídeos com altas taxas de quadros por segundo, como 120, 240 ou até 960 fps, provavelmente foram feitos no modo de câmera lenta. Isso porque em apenas um segundo deste tipo de gravação são registrados diversos quadros que capturam a totalidade do movimento. Ou seja, quanto maior a taxa de quadros por segundo, mais lento será o movimento da filmagem. Veja abaixo como ajustar a taxa de quadros em diferentes celulares.

No iPhone, abra o app da câmera e selecione a opção “Controle rápido de quadros por segundo”, localizada no canto superior direito da câmera;

Em modelos Samsung, ao abrir o aplicativo da câmera, selecione vídeo e procure, no atalho da barra à esquerda, a resolução e a taxa de quadros;

Em outros celulares com sistema Android, abra o app da câmera e pressione o ícone de configurações para selecionar a taxa de quadros a ser gravada.

5. Filme em alta resolução

Outra dica para gravar vídeos com qualidade de cinema é filmar com a maior resolução disponível no celular. Quanto maior a resolução utilizada na gravação, mais detalhes serão capturados. Para gravar um vídeo com resolução superior à padrão (que vem no smartphone), basta acessar o mesmo local da variação da taxa de quadros e escolher a resolução desejada.

A escolha pela alta resolução também traz impactos positivos na edição do vídeo. Durante a fase de pós-produção, é comum que certas partes de uma gravação sejam cortadas ou aparadas, a fim de que o foco permaneça na ação ou no objeto filmado. Sendo assim, uma resolução maior permite ajustes de estabilidade e dá maior liberdade de criação durante a fase de edição. É possível, por exemplo, aplicar níveis de zoom maiores em determinadas cenas sem perda de qualidade de imagem.

6. Evite o zoom digital

É possível usar o zoom da câmera do celular e obter vídeos com alta qualidade, mas é preciso ficar atento ao tipo de zoom utilizado. Há dois tipos principais: óptico, em que as lentes se afastam ou se aproximam uma da outra para produzir o efeito; e digital, em que o software do smartphone recorta a imagem e a amplia na tela. Enquanto o primeiro método amplia detalhes e mantém a qualidade, o segundo usa a mesma imagem e apenas esgarça os pixels.

Daí a importância de conhecer aspectos técnicos da câmera do celular para então decidir qual o tipo de zoom que será utilizado. Celulares como o Xiaomi 13 Ultra, Galaxy S23 Ultra e Galaxy S24 Ultra possuem zoom óptico em mais de uma lente, o qual pode ser combinado a fim de se obter imagens ampliadas sem distorções. Caso o celular não disponha de zoom óptico, opte por não utilizar o zoom digital durante a gravação. Assim, não haverá perda de qualidade nas imagens no resultado final.

7. Experimente comprar lentes externas

Enquanto smartphones como o Galaxy S24 Ultra e o iPhone 15 Pro Max têm câmeras com múltiplas lentes e diferentes distâncias focais, modelos inferiores podem obter resultados semelhantes com o uso de lentes externas. Este tipo de lente é acoplado à lente principal do celular e costuma ser fixada por um clip ou por meio da case de proteção do smartphone.

Há diferentes tipos que visam a resultados diferentes. Enquanto uma lente objetiva expande o objeto fotografado ou filmado, mesmo que pequeno, uma lente teleobjetiva é utilizada para aproximar e produzir um zoom “manual”.

R.I.P.

Akira Toriyama

1 de março de 2024



Divulgação

Mestre Paraná *capoterapia*



Momento da terapia onde é colocado uma música calma para eles terem esses momentos de relaxamentos.



O momento de contar histórias trabalhando a memória e resgatando as coisas boas do passado, como ferro a braza carne guarada em lata com gorduras chuveiro de lata feitos a mãos, relembrando as coisas antigas dos nossos antepassados.



Os alongamentos de fortalecimentos.





Atividades físicas, com a lúdica, músicas, instrumentos, e dinâmicas.



As musicalidades trabalham com os idosos, a importância do abraço, recuperando a auto estima, a alegria, destruindo a depressão, dores no corpo, ansiedade.



A convite do professor e historiador Genivaldo Santos e do jovem e experiente servidor Luiz Carlos Conceição da Silva visitei o Memorial de Indiaroba acompanhado da pesquisadora Jéssica Ramos.

A CIDADE

Seu Povoado, Pontal, foi “palco” juntamente com Mangue Seco, povoado de Jandaíra, município ao norte da Bahia que faz divisão de boa parte do território com Indiaroba, do famoso romance Tieta do Agreste, de Jorge Amado.



Divulgação

Em sua monografia Festa do Divino Espírito Santo, padroeiro de Indiaroba, a Prof^ª. Maria Francisca dos Anjos, da UFS (2001:10), comenta que por muito tempo a tarefa de esclarecer a origem da cidade tem sido realizada com dificuldade por muitos pesquisadores e historiadores. Isto está conexo à insuficiência de fontes que sirvam de elementos necessários para pesquisas sobre o pequeno município, estorvando assim construir sua história.

Ainda, Anjos (2001:11) cita o padre Fernando A. Soares (1986: 68), que já observava no livro *A vivência do Divino na tradição de um povo*, a carência de dados encontrados, principalmente em documentos concernentes às datas do processo que define a ascensão do município às categorias de freguesia, vila e cidade. Indiaroba fica entre os rios Piauí ao norte e Real ao sul que hoje forma o município. Foi por quase um século, um território alvo de disputas de comarca, entre os municípios de Abadia ao lado da Província da Bahia e Santa Luzia do Rio Real (hoje Santa

Luzia do Itanhi) do lado de Sergipe.

O MEMORIAL

Fundado pelo ex-prefeito Raimundo Mendonça e com objetos doados por sua família, o Memorial está sediado no centro de Indiaroba próximo a Casa da Memória, o Arquivo Municipal, A Câmara de Vereadores e o prédio da Prefeitura Municipal. Repleto de objetos pessoais, ferramentas e utensílios das fazendas da família Mendonça de Araújo, o espaço contempla cartas de alforrias originais; gerador de energia a diesel, mesas e camas feitas de madeira nobre, louças e objetos religiosos. Também despontam nas salas do Memorial vasos de barro, lampião de gás, ferro a brasa e parte da biblioteca da família.

A cama onde nasceu Padre Netto, o primeiro sacerdote de Indiaroba está presente no espaço junto com uma sala dedicada a festa do Divino Espírito Santo, padroeiro do município. Estão expostas imagens de santos construídos de modo artesanal, cartazes, reportagens e uma carta do Papa João Paulo II reconhecendo a importância da festa.

A monitoria de Luiz Carlos Conceição da Silva ajuda a compreender a dimensão histórica, social e cultural de Indiaroba a partir das memórias familiares conduzidas pelas datas e objetos que nos transmitem as passagens do século XVII aos nossos dias. Com certeza, tudo isso influencia a força da cultura local com o samba de coco, reisado, lambe sujo, carnaval tradicional, literatura de cordel, arte popular e os festejos de São João.

JÉSSICA RAMOS

Jéssica Rosa Ramos é paranaense, está radicada no Nordeste desde 2019, é pesquisadora, dançarina e coreógrafa. Diretora do espetáculo Alquímia. é autora do livro *História de menino*.

matéria: Aldo Moraes MTB 0010993/PR



Artesanato do Nordeste: conheça a arte da Paraíba!

<https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/artesanato-do-nordeste/>

| Foto: Divulgação/Prefeitura de João Pessoa



O Jornal da Paraíba te conta mais sobre a história do artesanato do Nordeste, as belezas dessa arte e onde encontrá-la

O artesanato do Nordeste é uma das riquezas da região. Além de ser a forma com que muitas pessoas de fora da região encontram de levar simbolicamente um pouco do local para outras regiões, também é através do artesanato que o próprio nordestino consegue se expressar.

Na Paraíba, o artesanato também é rico em simbolismo e cultura. E em vários lugares espalhados pelo estado, como a Feira de Tambaú e a Feira do Artesanato de Campina Grande, é possível encontrar peças produzidas à mão por artesãos.

Nesta reportagem especial, o Jornal da Paraíba te conta mais sobre a história do artesanato do Nordeste, as belezas dessa arte e onde encontrá-la.

A história do artesanato do Nordeste

O artesanato nordestino é somente uma de suas riquezas. Ele tem a influência de diversos povos, e pode ser encontrado de muitas formas e materiais diferentes em cada estado.

A história do artesanato do Nordeste passa pela cultura e identidade de um povo. Historiadores apontam, inclusive, a influência da cultura africana, fortemente passada de geração em geração, desde os povos escravizados. Com técnicas manuais perfeitas e muita criatividade, o povo nordestino encontrou no artesanato sua expressão artística

e cultural.

Com o passar dos anos, o artesanato do Nordeste se consolidou e resistiu como uma fonte de renda para o povo, que usa matérias primas encontradas nos próprios lugares onde moram. Em cidades litorâneas, por exemplo, o artesanato produzido usa conchas, areia e outros materiais naturais nativos da região. Já no interior, tecidos de algodão, couro e penas são bastante usados.

Dessa forma, a história do artesanato nordestino passou por diversas transformações e hoje se consolidou como um dos principais atrativos turísticos da região, sendo fonte de renda para milhares de pessoas.

Qual é o artesanato de cada estado do Nordeste?

Alagoas: o estado tem um artesanato diverso, apresentado em localidades como Foz do Velho Chico, onde há produtos realizados com palhas de coqueiro e taboa. Na União dos Palmares, as fibras de bananeiras são utilizadas para produção de chapéus e tapetes.

Bahia: também há diversidade no artesanato baiano, onde diversos materiais são usados, inclusive, para produção de instrumentos musicais. As redes de pesca, bem presentes no litoral baiano e exportadas mundo afora, também são uma das formas de expressão dos artesãos, além dos itens

de cerâmica e argila, produzidos para livre venda em todo o país.

Ceará: o estado é um dos maiores produtores de cerâmica e, por isso, tem muitos artesãos produtores de peças que usam o material como obra prima em cidades como Cascavel. Há também produção de material com barro, em Juazeiro do Norte e Sobral, além de redes, em Fortaleza e Aracati.

Maranhão: muitos objetos de artesanato em palha e madeira são encontrados no Maranhão, estado rico em cultura indígena. O babaçu e a fibra de buriti, além do algodão, também são bastante utilizados pelos artesãos cearenses.

Paraíba: a Renda Renascença é o destaque entre as produções do artesanato paraibano. Brinquedos populares, crochê, e esculturas de barro e flores de fibra também são produzidos no estado.

Pernambuco: no território pernambucano os produtos de artesanato em xilogravuras, pinturas talhadas e couro, como acessórios para vaqueiros, são os produtos feitos artesanalmente mais populares. Em Porto de Galinhas, os souvenirs se destacam, enquanto em Goiana, a fibra natural é matéria prima para artesanato.

Piauí: a cerâmica decorativa é o destaque entre as produções de artesanato feitas no Piauí. Peças de carnaúba, buriti e palha de coco também estão entre as peças feitas.

Rio Grande do Norte: o estado é rico em artesanato com areias coloridas. Paisagens e personagens são reproduzidos em garrafinhas de plástico com areia colorida.

Sergipe: o bordado Richelieu é uma das mais importantes marcas do artesanato sergipano. Além dele, há também peças de cerâmica, produzidas principalmente em Neópolis.

Artesanato do Nordeste: qual o artesanato da Paraíba?

O artesanato nordestino é vasto e cheio de diferentes facetas. Em cada estado, há riqueza nos detalhes das peças produzidas com diversos materiais, como palha, cerâmica, areia entre outros.

Na Paraíba, o artesanato também é rico e uma das fontes de renda de várias populações. Veja abaixo quais são os principais materiais usados no artesanato paraibano.

Qual o artesanato de destaque da Paraíba?

O principal destaque do artesanato da Paraíba é a renda Renascença, produzida no estado e exportada para várias partes do mundo, como para a Europa.

Em Catolé do Rocha, no Alto Sertão paraibano, os artesãos trabalham com batique, um tipo de pintura que usa cera de abelha e tinta.

Em Campina Grande, o algodão colorido é matéria prima para produção de roupas, e com o couro do distrito de Ribeira, em Cabaceiras, no Cariri do estado, são produzidas sandálias e chapéus.

Onde encontrar artesanato do Nordeste na Paraíba?

O artesanato paraibano é vendido, principalmente, em feirinhas e lojas especializadas na venda de produtos feitos por artesãos. Um dos locais fixos de venda de artesanato é a Feirinha de Tambaú, em João Pessoa, onde há diversas lojinhas que vendem peças em barro, roupas, cerâmica entre outros materiais.

Além da feirinha, João Pessoa também recebe durante a alta temporada de férias, em janeiro, o Salão do Artesanato Paraibano, que não fica em um local fixo. Em 2024, o salão deve explorar o artesanato quilombola, e vai acontecer no estacionamento do antigo Hotel Tambaú.

Já no Agreste do estado, em Campina Grande, há a Vila do Artesão, no bairro do São José. Por lá os turistas encontram lojas fixas que disponibilizam o ano inteiro peças de artesanato. E, além da vila, anualmente, durante o São João, o Salão do Artesanato Paraibano fica na cidade. Peças em crochê, tapeçaria, além de brinquedos populares e materiais de fibra e cerâmica, são expostos e vendidos.

Feira de Tambaú



A Feirinha de Tambaú surgiu em frente ao Hotel Tambaú, na orla da capital paraibana, em meados de 1980. O local é um ponto super conhecido e reúne várias lojas de artesanato e artistas de rua, um ponto ideal para quem quer curtir a noite da capital paraibana.

Segundo a prefeitura de João Pessoa, a feirinha conta com 45 boxes onde os artesãos vendem seus produtos e comidas, a maior parte delas comidas típicas, como pratos que levam cuscuz e carne de sol, além de tapiocas recheadas.

Centro de Artesanato Júlio Rafael

O Centro de Artesanato Júlio Rafael fica em Tambaú, João Pessoa. O local tem 20 lojas onde são oferecidos diversos tipos de produtos em artesanato, em peças como algodão colorido, bordado, renda renascença, entre outros.

Feira de Artesanato de Cabedelo

A Feira de Artesanato de Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, é um evento anual que

disponibiliza diversos materiais artesanais. Há peças de renda, algodão, cerâmica e de vários outros materiais que os turistas podem conhecer durante o mês de junho, quando também ocorrem as tradicionais festas juninas nordestinas.

Caminhos do Frio

Durante o período mais frio do ano, algumas cidades do interior da Paraíba organizam eventos que incluem a venda de produtos artesanais, na Rota Cultural Caminhos do Frio.

O tradicional evento que passa pelas cidades do Brejo paraibano a partir do mês de junho, também é uma oportunidade para quem deseja conhecer o artesanato nordestino.

Cidades como Areia, Bananeiras e vários outros municípios que recebem programação do Caminhos do Frio também instalam nessas festas pontos de comercialização de produtos de artesanato.

Divulgação



O que é Renda Renascença?

A renda Renascença, uma das riquezas do artesanato paraibano, é uma das principais peças do artesanato local. A renda surgiu na Itália, no século XVI, e foi disseminada no Brasil principalmente em solo paraibano.

Da Paraíba, a renda Renascença, é exportada para diversos lugares do mundo. Lacê e agulha são a base para sua produção, e entre os produtos mais famosos feitos com esse tipo de renda estão roupas exportadas por diversas grifes de renome mundial.

Onde eu posso encontrar novidades sobre a Paraíba?

Além do artesanato paraibano, você pode ficar por dentro de vários outros assuntos e novidades sobre a Paraíba no Jornal da Paraíba. Cultura, política, economia e várias outras áreas são abordadas diariamente em nosso portal.

Resumo

O artesanato do Nordeste, em especial o da Paraíba, foi destacado nesta reportagem do Jornal da Paraíba. Abordamos esta forma de expressão cultural, influenciada pela cultura africana e consolidada como fonte de renda para a região.

Além de conhecer materiais e técnicas específicas de artesanato do Nordeste usados em cada estado da região, você leu sobre o artesanato paraibano, onde encontrar peças em locais como a Feirinha de Tambaú, o Centro de Artesanato Júlio Rafael e a Feira de Artesanato de Cabedelo.

Redação Jornal da Paraíba



PREVISÕES
PARA 2024





CONFISSÕES NA PAULISTA

JÁ QUE ESTOU
ENTRE AMIGOS, VOU
CONTAR PRA VOCÊS
UMAS COISAS QUE
NÃO CONTEI NEM PRA
POLÍCIA FEDERAL...



OPERAÇÃO VERÃO:
39 MORTOS
(ATÉ AGORA)

ESTOU
APONTANDO
PRA VOCÊS, E
ISTO É PARA
SUA
SEGURANÇA...

MAS NÃO
FAÇAM
MOVIMENTOS
SÚBITOS...



A PÉROLA DO DEPOIMENTO



ARS
E IR 2024
BRASIL247







Cham
2012
26.5

D-ARTE

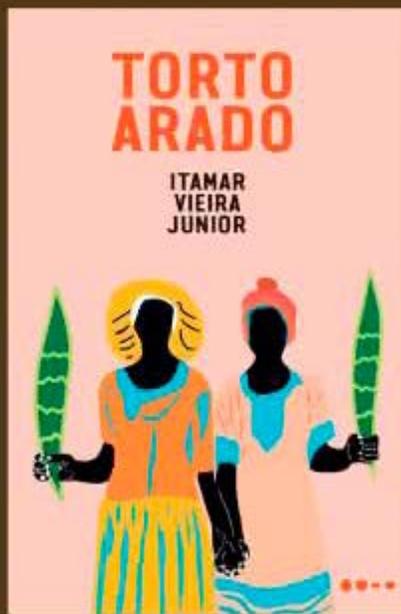
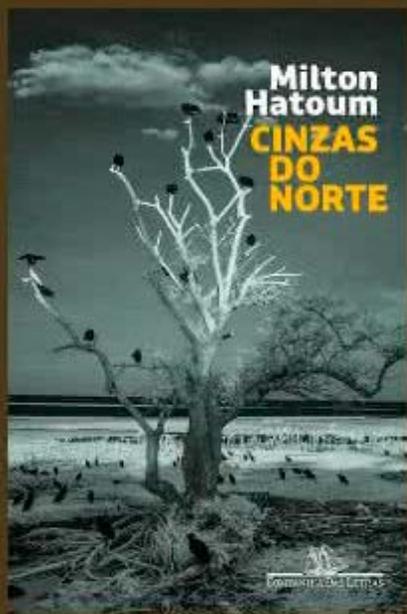
#28



Caderno de
Literatura

PRÊMIO JABUTI: 8 EXCELENTES OBRAS VENCEDORAS DO PRÊMIO QUE VALEM A SUA LEITURA

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/vitrine/premio-jabuti-8-excelentes-obras-vencedoras-do-premio-que-valem-sua-leitura.phtml>

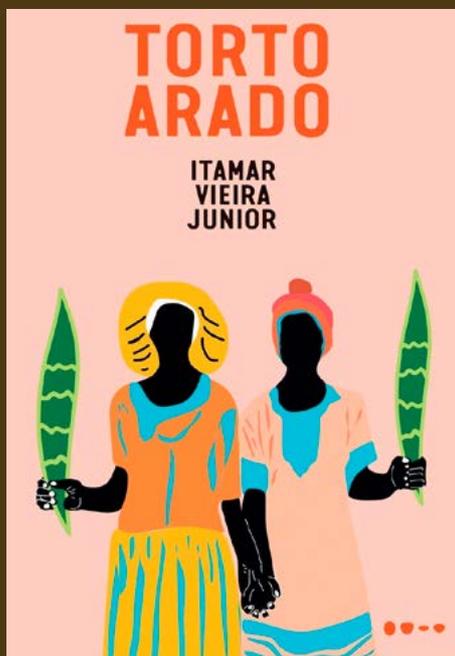


De Torto Arado a 1822, selecionamos algumas obras que foram agraciadas com o Prêmio Jabuti e que merecem um lugar na sua estante -
Créditos: Reprodução/Amazon

De Torto Arado a 1822, selecionamos algumas obras que foram agraciadas com o Prêmio Jabuti e que merecem um lugar na sua estante

Entrar no mundo da literatura premiada é como explorar um universo de histórias envolventes, escritas por mestres da palavra. O Prêmio Jabuti, reconhecido como um dos mais prestigiosos do cenário literário brasileiro, celebra anualmente as obras que elevam a experiência da leitura. Neste guia, apresentamos oito fascinantes vencedores do Prêmio Jabuti que merecem um lugar especial em sua estante. Prepare-se para mergulhar em narrativas que encantam, provocam reflexões profundas e capturam a essência da escrita excepcional.

1. Torto arado, de Itamar Vieira Junior (2019) - <https://amzn.to/3SXGfcL>



No interior árido da Bahia, Bibiana

e Belonísia, irmãs intrépidas, deparam-se com uma faca ancestral e enigmática escondida na mala sob a cama da avó. Um incidente transformador ocorre, entrelaçando irrevogavelmente seus destinos, de modo que uma se torna a voz da outra. Num enredo habilmente conduzido, permeado por uma prosa melódica, o romance narra uma saga de vida e morte, de lutas e redenção. Com maestria, a narrativa revela uma fusão épica e lírica, mesclando elementos realistas e mágicos, enquanto desvela, para além da trama, um potente elemento de resistência social.

2. Por quem as panelas batem, de Antonio Prata (2022) - <https://amzn.to/3wFfVwA>



A sagacidade e o humor perspicaz de Antonio Prata se destacam como bálsamo diante do caos político que permeia nosso cotidiano. “Por quem as panelas

batem” reúne crônicas políticas veiculadas por Prata na Folha de S.Paulo de junho de 2013 até o final de 2021. Em seus escritos, o autor oferece uma perspectiva pessoal e subjetiva, refletindo sobre a complexidade do tecido social em que se encontra. Para além de sua habilidade única em desnudar as agruras da experiência contemporânea, Prata mantém uma militância persistente, defendendo a poesia do cotidiano e o potencial extraordinário da sociedade brasileira.

3. Fim, de Fernanda Torres (2013) - <https://amzn.to/48DPjJM>



Cinco amigos oriundos do Rio de Janeiro revisitam momentos marcantes de suas trajetórias: festas, uniões, separações, peculiaridades, inibições e remorsos. No entorno deles, desfilam mulheres com distintos perfis — neuróticas, amargas, sedutoras, despreocupadas, descartadas e resignadas. A trama inclui um padre em crise com sua vocação e uma variedade de personagens cariocas, fruto da aguçada capacidade de observação da autora. Embora permeadas por graça, sensualidade, sol e praia, as páginas de “Fim” também se revestem de resignação e são tingidas por uma camada de melancolia. A obra foi adaptada para a série homônima, lançada

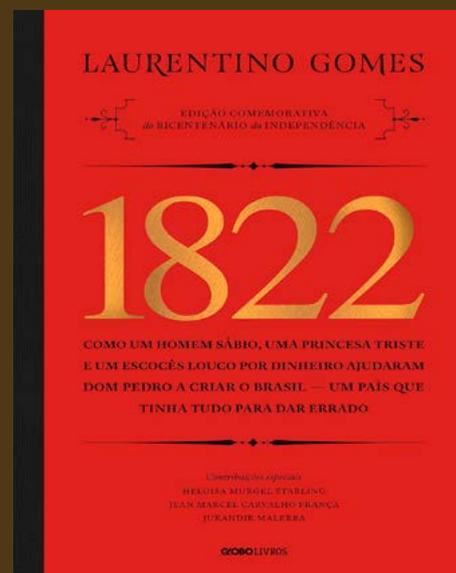
em 2023 no Globoplay.

4. O Tempo e o Cão: a Atualidade das Depressões, de Maria Rita Kehl (2009) - <https://amzn.to/4bVMWVo>



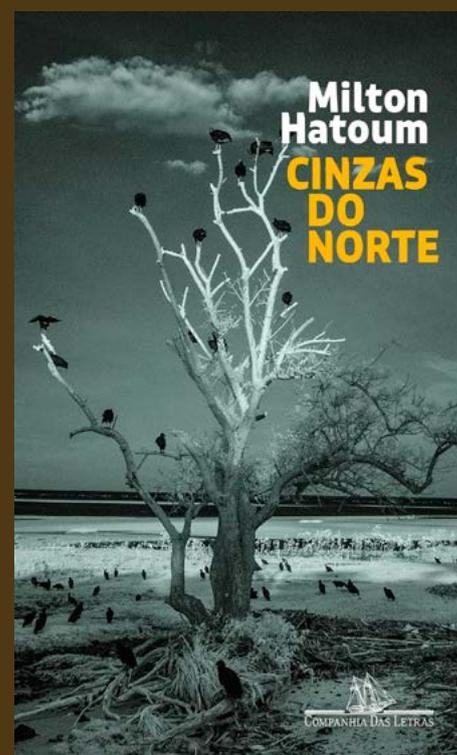
A psicanalista e autora Maria Rita Kehl parte da premissa de que a depressão é um fenômeno social contemporâneo para elaborar os três ensaios que compõem o livro. Fundamentado em experiências e reflexões sobre o contato com pacientes depressivos, a obra aborda um tema amplamente discutido, porém pouco compreendido e, ainda menos, aceito nos dias atuais. Para explorar essa questão, Maria Rita realiza uma análise do lugar simbólico ocupado pela melancolia, desde os tempos da antiguidade clássica até meados do século XX, quando Freud transferiu esse significante do âmbito das representações estéticas para a esfera da clínica psicanalítica.

5. 1822 - Edição comemorativa, de Laurentino Gomes (2022) - <https://amzn.to/3TiXneM>



Esta obra, agora apresentada em uma edição expandida em celebração ao bicentenário da Independência, explora como, em 1822, o Brasil, enfrentando adversidades, logrou se estabelecer e consolidar por meio de uma notável combinação de elementos como sacrifício, acasos, improvisos e perspicácia das lideranças. Destaca-se o papel crucial desempenhado pelo mineralogista e educador José Bonifácio de Andrada e Silva. Em meio a um período de grandes aspirações e perigos, o país encontrou maneiras de se viabilizar.

6. Cinzas do Norte, de Milton Hatoum (2023) - <https://amzn.to/49O4Ck8>



A obra é uma imersão nos primeiros anos da ditadura militar no Brasil, na implantação da Zona Franca de Manaus e na criação do bairro da Cidade Nova, sendo retratados por meio da personagem Mundo e sua expressão artística. Além disso, aborda as relações conflitantes entre cultura e progresso, regionalismo e provençalismo, estudantes e militares. “Cinzas do Norte”, terceiro romance de Milton Hatoum, é o relato de uma prolongada revolta e do esforço para compreendê-la.

7. O clube dos jardineiros de fumaça, de Carol Bensimon (2017) - <https://amzn.to/3P1mGz8>

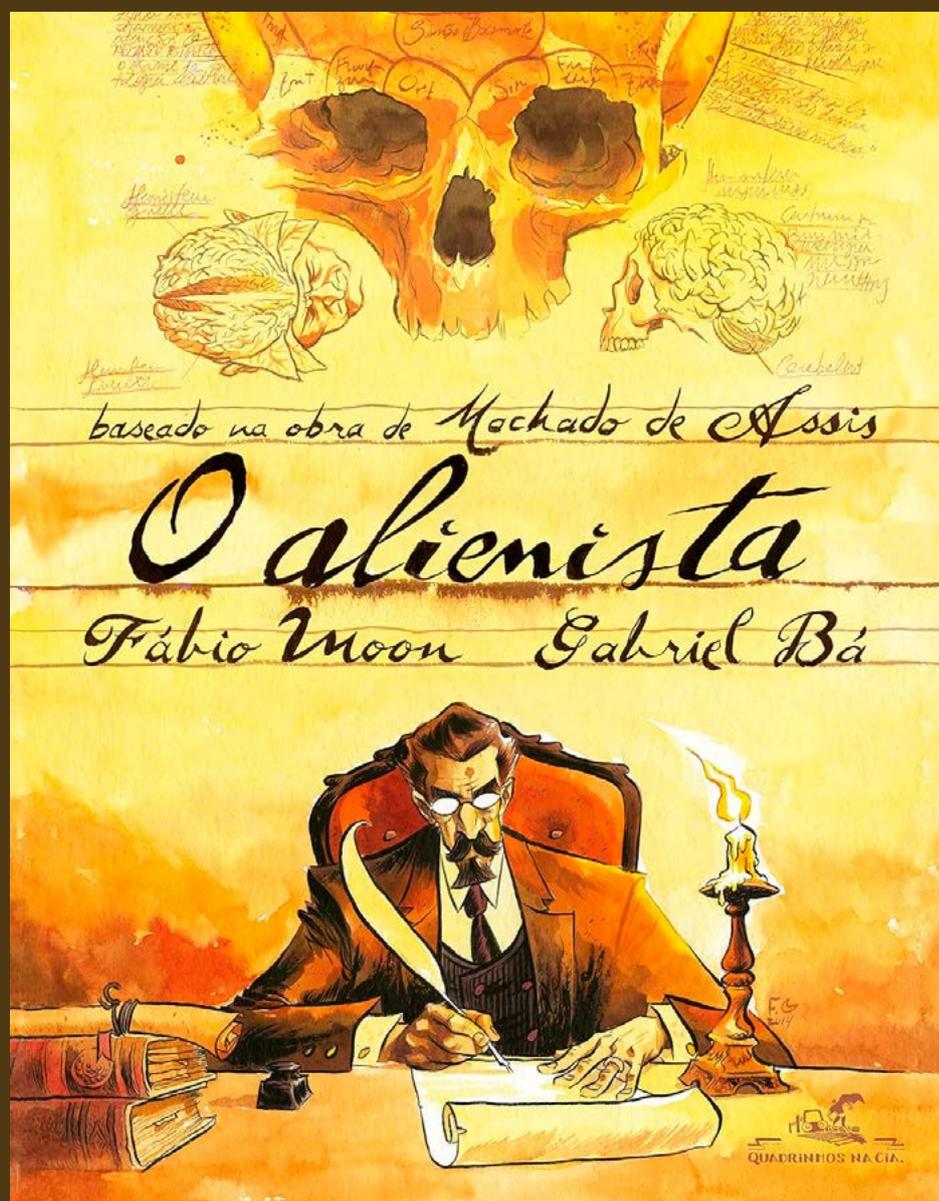


Em meio a coníferas milenares, estradas sinuosas e falésias, a região californiana do Triângulo da Esmeralda se destaca como o epicentro da maior produção de maconha nos Estados

Unidos. Nesse cenário, o jovem professor brasileiro Arthur busca reiniciar sua vida, deixando para trás os eventos que o levaram a sair de Porto Alegre. Gradualmente, ele se integra à dinâmica local e se envolve em uma narrativa que remonta à contracultura dos anos 1960 até os dias atuais. Ambientado na Califórnia e contextualizado pela descriminalização da maconha, “O Clube dos Jardineiros de Fumaça” oferece um retrato magistral da geração hippie.

8. O alienista (Edição em quadrinhos), de Fábio Moon e Gabriel Bá (2022) - <https://amzn.to/3TeTAid>

O eminente médico Simão Bacamarte é uma figura fria e impenetrável. Profundizando-se cada vez mais em seus estudos sobre a mente humana, ele embarca em uma investigação dos transtornos psíquicos em sua cidade natal, Itaguaí. Nesse contexto, Bacamarte estabelece a Casa Verde, um típico hospício do século XIX, recrutando indivíduos como cobaias para seus experimentos. Essa narrativa, adaptada com maestria para os quadrinhos, representa uma obra-prima de Machado de Assis e é a primeira história em quadrinhos a receber o prestigioso Prêmio Jabuti.



ANDRE LOPES

ESQUECI DE CLICAR

OLHEI POR CIMA DO VISOR.
ALIÁS, ESQUECI O QUE FAZIA.
ANDAVA POR AQUELA META. BRIGAVA
COM FOTÔMETRO E A LUZ QUE VINHA
DO BARRANCO. QUANDO A BOLA FOI
POSTA PELA LINHA DE FUNDO.
INSTINTIVAMENTE, ME POSICIONEI
PRÓXIMO AO COBRADOR.
ACOMPANHEI COM A CÂMERA A
TRAJETÓRIA DA BOLA.
O FOCO ESTAVA PERFEITO.
ENCAIXADO.
FOI UMA PARÁBOLA LIMPA,
PERFEITA. POR DETRÁS DA CABEÇA DO
ZAGUEIRO, QUE MORREU EM UM
SEM-PULO PERFEITO. O ENCANTADO
NÃO SAIU DO CHÃO. UM CHUTE
PLÁSTICO E FORTE, A BOLA BATEU
SECA NO CHÃO SE ENCAIXANDO NO
ÂNGULO SUPERIOR ESQUERDO.
A FOTO?
ESQUECI DE CLICAR.



FELICIDADE

A FELICIDADE É UM
TIQUINHO DE ALGO
QUE NÃO SABEMOS
DESCREVER,
PERDIDO NUMA
IMENSIDÃO DE
DESGOSTOS.

PAI

Por diversas vezes o viam
xinga-lo. Praguejava seu
nome.

O odiava, em meio a
lembranças tão cândidas.
Era uma admiração
imensurável, heroica, de filho.
Tudo dele o preenchia.
Seus gestos, o jeito de falar.
Tudo dele o fazia falta.
Era um abismo a sua ausência.
O irritava amar tanto alguém
tão ausente.
O destruía não tê-lo mais.



O TRILHO DO TREM



Como equilibristas, desafiávamos os "trilhos do trem".
Moleques encardidos, de chinelos e calções.

Caminhávamos passo sobre passo equilibrando sobre a barra de ferro, sempre a olhar os mistérios que se alojavam entre as pedras.

Éramos equilibristas ora arqueólogos.

Corríamos às vezes, mas, sem tirar os olhos do chão.

O correr fazia soar os pregos de nossos chinelos tilintando na guia. Dava vida a nossa infância gasta.

Nada escapava ao nosso olhar. Nem o circo às margens do trem.

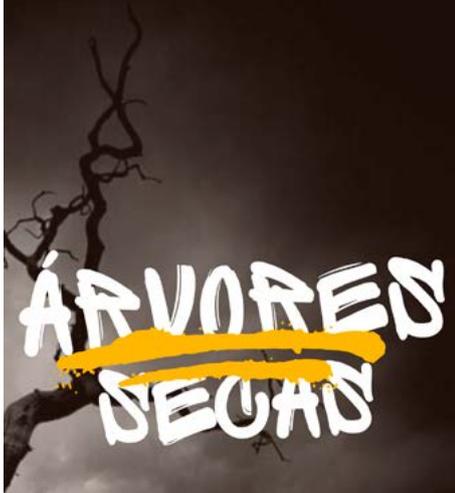


Um circo pequeno e triste.
Mas, um circo. Mais um circo.
No circo tinha poucas figurinhas.
Então, caminhávamos.
Precisávamos explorar. Sermos os primeiros.
Entre as pedras haviam Fittipaldi, Copa de 82, Guinness, Super Heróis.
Quando não, tampas de garrafas de refrigerante com personagens.
Como eram boas as caminhadas vespertinas no trilho do trem.
Valia a pena cada tropeço, a pele queimada de sol. As tarde longe de casa.

Dos deveres.
Da escola.
Das lições.
De meus irmãos.
Apenas o trilho do trem.



Árvores secas são corpos sem vida,
Não geram frutos.
São ocas e quebradiças.
Árvores secas, são secas.
Teimosamente erigidas sobre chão árido.
Não sabem que são secas, acreditam estar vivas.
Lutam para se manterem em pé.
Firmes.
De raízes profundas ou rasas.
Prendem-se às pedras.
E nelas, nada irão encontrar.
Não há vida em solo pedregoso.
Não há vida em seus galhos quebradiços.
Há apenas o desejo do fruto.
A se pendurar em seus galhos.
Sonham em ser verdes.
Mas são cinzas. São cinza.
Mas, teimam.
Em árvores secas,
Para-se a vida.



ÁRVORES SECAS



RATOS

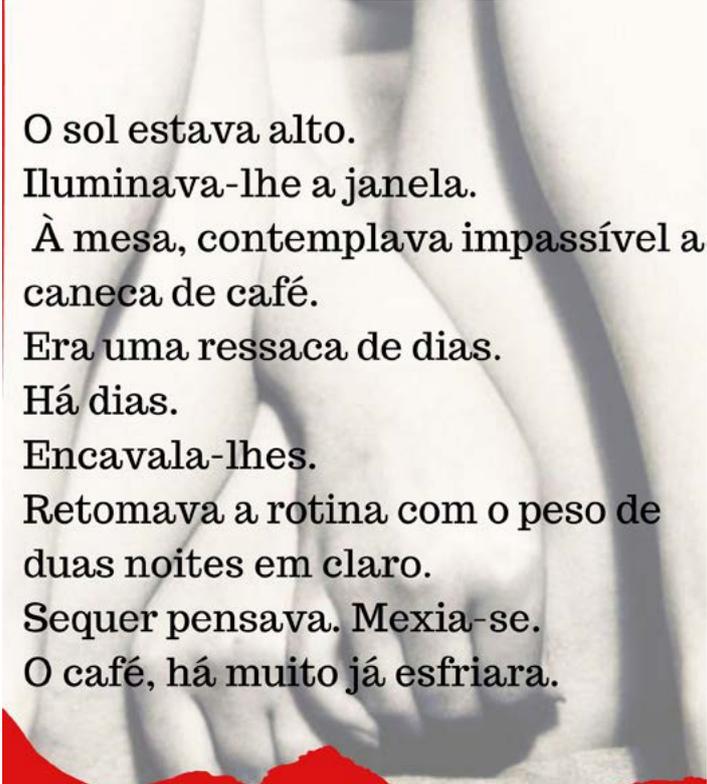
Gordo e de pelos grossos, aproveitava-se do tamanho. Era grande, e reinava naquele cubículo. De seu canto, observava seus pequenos e fedorentos irmãos. Estúpidos, repetiam dia após dia uma rotina vazia. Mas, faziam, queriam agrada-lo. Fedia como todos, mas não se via como um igual. Os comandava com certo nojo. Tudo o incomodava, o rabo, os pelos, as patas pequenas. Detestava estar ali, detestava o que era. Os odiava, por serem ratos.

Olhos Cansados

Algo estranho começou a me acometer há algum tempo. Estranho mesmo! Quase indizível. Embargado. De repente, algumas lembranças e situações, tornaram-se, um incômodo inusitado. Não são coisas de homem feito. Ou são? Vieram as dúvidas. Relutei a acreditar. Parecia-me fraqueza. O que estava acontecendo comigo?

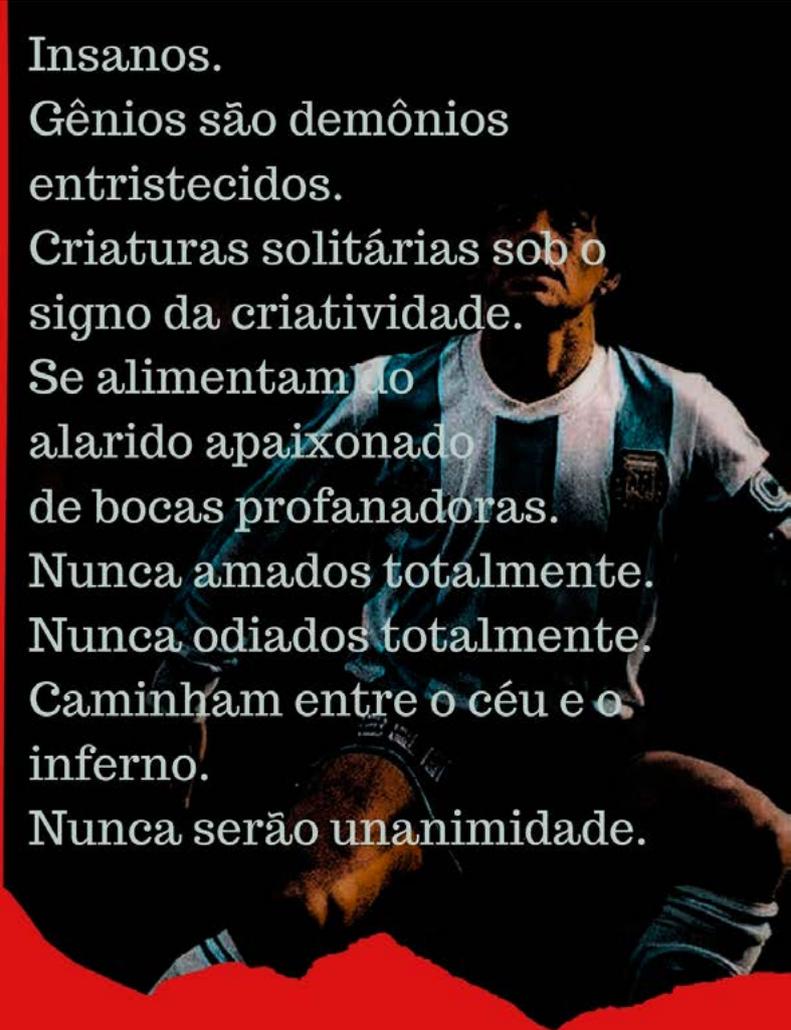
Apenas descrevo como uma sensação incômoda. Começava, inicialmente, por um marejar os cantos dos olhos, que se estendia por um Um Aperto no peito. De repente, fugia-me a força. Fugia-me a voz. Não sei dizer quando o senti pela primeira vez. Incomodava-me os olhos molhados. E isso foi se repetindo, a ponto, de reconhecer a crise. A mais recente, veio-me como fraqueza, vício do silêncio. Uma foto perdida no tempo.

Na época, apenas uma foto, hoje saudade. Estava sozinho, mas disfarcei. Esfreguei os olhos com força. Como se meus polegares quisessem furar os globos. Esfreguei, até essa coisa úmida e humana parar. Esfreguei, pois desconhecia o que estava por vir. Com os olhos secos parei. Contemplei. Minha avó. Hoje, uma imagem. Apenas contemplei.



O sol estava alto.
Iluminava-lhe a janela.
À mesa, contemplava impassível a
caneca de café.
Era uma ressaca de dias.
Há dias.
Encavala-lhes.
Retomava a rotina com o peso de
duas noites em claro.
Sequer pensava. Mexia-se.
O café, há muito já esfriara.

**CAFÉ
FRIO**



Insanos.
Gênios são demônios
entristecidos.
Criaturas solitárias sob o
signo da criatividade.
Se alimentam do
alarido apaixonado
de bocas profanadoras.
Nunca amados totalmente.
Nunca odiados totalmente.
Caminham entre o céu e o
inferno.
Nunca serão unanimidade.

**EN CONTACTO
CON DIOS**

Acordar é necessário!

É verão!

Acordo e não consigo me lembrar...

-Em qual estação do ano estamos mesmo?

Não ouço mais a cantoria do despertar da manhã.

- Onde estão meus amigos alados?

- Será efeito do aquecimento global? El Niño, La Niña? Ou essa ausência sonora se deu após a última tempestade, onde metade da população ficou dias sem energia?

-Sim, culpa das árvores! São elas as culpadas por cair em cima dos fios e causar esses danos. Então, grita o povo: -
Cortem as malditas árvores!

A internet estava repleta dessas mensagens!

E podas e podas (imagine com um h no meio), as pobres árvores são podadas, afinal é preciso "tomar providencias" urgentemente, já que os cuidados com elas nunca foram tomados.

É triste não ser mais abrigo, nem alimento, nem oxigênio, nem vida. Pobres pássaros, pobres seres minúsculos, pobre ser humano!

Não sei mais qual a estação do ano. Não ouço mais meus amigos anunciarem o dia.

- Até onde caminharemos? Sempre nos afastando de nossa verdadeira natureza, acreditando na falsa promessa de que estamos seguros em nossa selva de pedra, envidraçada de ilusões e cercada de cercas eletrizadas, olhando telas robotizadas?

- Voltem amigos! Voltem!

Que a beleza de ouvir vosso canto não nos seja tirada!

- Cantem, cantem!

Ajude-nos a lembrar de quem somos!

Que nossa reatividade não seja a da destruição e do desamor. Só assim, os verões terão sol, terão brilho, terão cor, alimento, luz e abrigo!

E nos lembraremos ao "acordar", de que estamos todos na mesma morada!

Érica Furlan Martins

04/03/2024

Riso silenciado - Em memória de Julieta Hernández,
vítima de feminicídio no Amazonas.

Migrante nômade,
Luz e vivacidade.

Atriz cicloviajante,
Palhaça itinerante.

Artista venezuelana,
Caridosa e humana.

Bonequeira sorridente,
Palhaça inteligente.

Militante feminista,
Mulher benquista.

Ecoe para sempre:
Julieta presente.

Aline Bischoff (@aline.bischoff)

Um Feliz 2024!!!

Atenciosamente e grata,

Aline Bischoff

Sou Apollo Creed

Na luta contra o Drago

Sou Senna na curva tamburello

**Sou Kurt Cobain com a espingarda na
cabeça**

**Sou Chris Cornell em seu quarto de
hotel**

Sou o Jack no filme Titanic

Sou Prost no Gp de Suzuka 1990

**Assim como Mansell & Senna, vai ser
difícil alguém tirar o pé**

Vagner Xavier





O RECADO

Dias Campos

Quando se pensava que o maior diamante do mundo já tinha sido encontrado, a África a todos surpreenderia, fazendo com que os olhos dos cobiçosos rebrilhassem mais uma vez.

E se havia quem se maravilhasse a cada novo achado, esse alguém era o engenheiro chefe, David Johnson, idólatra dessas preciosidades e amante do dinheiro que elas proporcionam; tanto que alardeava aos quatro ventos que só Deus poderia afastá-lo dessas duas paixões.

Desta vez, porém, não seriam os 1.112 quilates da nova descoberta – três a mais do que os da sua antecessora – os únicos responsáveis pelos holofotes a serem direcionados para as minas de Botsuana, mas, sim, algo que havia em seu interior...

Por força disso, à medida que o engenheiro de plantão lavava a pedra, ele e os mineiros que o rodeavam, ao invés de se manterem em júbilo, deixavam transparecer um quê de desapontamento, pois o seu valor comercial transmutava de extraordinário para aproveitável.

David foi logo avisado, e correu ao ponto onde acharam a gema. Vinha, é claro, com um misto de euforia e decepção, pois se não deixaram de repassar a boa notícia, também não ocultaram a má.

Antes mesmo de pôr as mãos na novidade, os olhos do perito ofuscaram! Mas foi só observá-la para que o deslumbre diminuísse. – Eram desenhos dispostos em um veio retilíneo que cruzavam a gema de ponta a ponta, sendo que pareciam ter sido esculpidos por uma impressora a laser de última geração, haja vista a perfeição com que se repetiam.

Depois de examinar a novidade o mais que podia, David a levou para sua sala, onde aconteceria uma reunião a portas fechadas com toda a sua equipe. Não saiu, contudo, sem advertir os funcionários que a admiravam de que estavam terminantemente proibidos de fazerem comentários; quem o fizesse, seria demitido sem direito à contradita.

David não tomou essa decisão por medo de que a notícia vazasse. Até porque, seus empregados não só estavam acostumados com o sigilo que deve imperar nesse ramo de atividade, como, também, não ousaram maculá-lo

quando encontraram o diamante anterior.

Eram, na verdade, aqueles desenhos – riscos horizontais em que se pendiam outros verticais e formas curvilíneas – que o incomodavam sobremaneira.

Já em seu gabinete, ladeado por toda a equipe, o achado seria passado de mão em mão. David queria que cada um opinasse sobre aqueles desenhos, como se necessitasse de uma justificativa para o seu incômodo.

Se bem que as opiniões comesçassem científicas, não faltaram criatividade e gracejos a tentarem explicar aquele estranhíssimo fenômeno; a exemplo da hipótese levantada pelo palhaço-mor da equipe, que afirmou serem hieróglifos entalhados por Micrômetros (de Voltaire), aduzindo que, por ter o viajante intergaláctico se apaixonado por uma terráquea, não lhe restou alternativa senão a de rabiscar o seu endereço e o contato telefônico no primeiro “guardanapo” que encontrou, já que sua nave espacial estava na iminência de decolar em direção à sua morada na estrela Sírius.

Todos riram, incluindo David. Mas essa brincadeira causou-lhe forte impressão, mesmo que não a tivesse demonstrado.

Terminada a reunião, o engenheiro chefe permaneceu em seu gabinete. Era preciso debruçar-se sobre aqueles desenhos, e sobre o mal-estar que eles provocavam. Na realidade, mesmo não conseguindo definir o que sentia, para David, eles nada tinham de naturais. E, coisa singular, até pareciam... familiares!

David, então, escaneou como pôde aqueles desenhos, e guardou a pedra a sete chaves. Em seguida, deitou-se sobre a cama. Precisava pensar, rememorar... Sentou-se novamente, e ficou observando as imagens na tela do seu celular. E ora ampliava-as, ora girava-as. E olhava para o teto... e nada lhe vinha à mente.

Levantou-se, andou pelo quarto; foi à janela, mirou o horizonte... e jogou o celular sobre a cama, como se a comichão que o afligia não tivesse passado de uma grande tolice.

E como o pensamento voltava-se para a milionária quantia que deixariam de lucrar graças à desgraça imposta pela mãe natureza, David desenterrou alguns palavrões e tornou a se deitar. Talvez no sono encontrasse a maneira mais dócil de repassar a notícia para o poderoso e nada compreensível CEO da mineradora.

Mas o sonho traria uma reviravolta...

Súbito, acordou. Estava ofegante e suava frio.

Com o passar dos segundos, em que inspirava e expirava lenta e profundamente, David retomava o prumo. E o nevoeiro que lhe encobria a memória começou a dispersar-se.

Quando a bruma foi de todo afastada, determinadas lembranças acerca de um erudito reavivaram-se em sua mente como se assistisse a um filme de altíssima definição.

David pôs as mãos sobre a cabeça, avocou os céus, e levantou-se de um pulo. Era preciso reencontrar aquele velho amigo, e o mais rápido possível!

Com a ajuda do Google, não foi difícil achar o do Dr. Elliott Moore e obter o seu contato.

Não abusando dos rapapés, e sem entrar em detalhes, David enviou uma mensagem por e-mail para o seu antigo professor, suplicando que o contatasse com urgência. E para justificar tamanha pressa, anexou fotos daqueles desenhos, mas editadas, de modo que permitiam ser razoavelmente examinadas, mas dificultavam deduzir onde estavam incrustadas.

Como estivesse aflito, não se lembrou que Botsuana está 6 horas à frente de Ottawa, lar do Dr. Moore. Quando percebeu a diferença, e olhou para o relógio – eram 4 da madrugada –, imaginou que o septuagenário já adentrava o limiar do quinto sono. E praguejou.

No entanto, e para sua felicidade, Dr. Moore estava com insônia, e navegava pela internet.

A surpresa foi tão grande, que o PhD em linguística logo clicou na mensagem.

Ora, como David era o seu aluno preferido no colégio, aquele que afirmava seria o seu discípulo, jurando aprofundar-se no fascinante mundo das letras mortas, ensinamentos que recebia após o término das aulas regulares, Dr. Moore ficou muito feliz ao constatar que ele buscava reavivar a amizade, usando mão, justamente, daquilo que aprendera.

O bate-papo inicial – “Mas que surpresa!”, “Como vão as coisas?”, “Casou com aquela garota de quem gostava?”, “E como vai a família?” – impunha a David uma agonia insuportável, como a que sente uma criança que está diante de seu pai, prestes a receber o presente que há tempos cobiçava, mas cuja entrega ele retarda por pura diversão.

Quando o assunto enfim migrou para aqueles desenhos, a frequência cardíaca de David disparou. E quando o Dr. Moore disse ter achado bastante criativa a forma que usara para chamar-lhe a atenção, o coração de David quase saiu pela boca!

O problema é que nem o seu ex-professor expressamente lhe confirmava as suspeitas, nem David tinha coragem de perguntar o que de fato representavam aqueles desenhos.

Até que chegou um momento em que o Dr. Moore questionou o porquê de David ter preferido o sânscrito ao

invés do latim, já que esta última língua era a que mais o atraía.

David petrificou-se!...

De repente, uma chusma de perguntas acotovelavam-se em seu cérebro. Dr. Moore falava a verdade, ou, por força da idade, via naqueles desenhos o que gostaria de ver? Seria possível que o tempo e a pressão tivessem sido tão caprichosos, ou não foram eles os autores daquelas palavras? Mas se não foi a natureza quem os escrevera, por que em sânscrito e com qual objetivo? E quais as consequências que esse fato importaria à ciência, à religião, ao mundo?...

David sentia-se como se lhe tivessem arrancado o chão. E porque estivesse atordoado, esquecia-se de perguntar o significado daquela escrita e resolvia contar onde estava contida.

Desta vez, foi o Dr. Moore quem perdeu a voz ante o pasmo da revelação.

E como continuasse mudo, coube ao ex-aluno retomar a conversa. E indagou sobre a tradução.

Dr. Moore demorou um pouco para reequilibrar-se. E tão assombrado estava, que disse só revelaria o significado daquelas palavras se pudesse reexaminá-las, tendo nas mãos a gema.

Como havia muito em jogo, e porque não vislumbrasse alternativa, David acabou cedendo. E para que o Dr. Moore não alegasse inconvenientes que pudessem atrasar a sua chegada a Botsuana, o engenheiro chefe garantiu que a empresa providenciaria a passagem aérea (primeira classe) para o primeiro voo que houvesse, e bancaria a sua estada. Pedia, no entanto, segredo absoluto sobre o assunto. Ele aceitou.

A viagem do Canadá até o continente africano demoraria pouco mais de 24h. Essa duração, David deveria passá-la com certa tranquilidade. No entanto, alguém caiu em tentação, e a notícia sobre a gigantesca novidade vazou. Foi um pandemônio! De um momento para o outro, David viu-se cercado pela imprensa internacional, pelos acionistas, e pelo CEO da mineradora, que determinou enviasse-lhe algumas fotos, que mantivesse o diamante longe de tudo e de todos, e afirmou iria encontrá-lo assim que se recuperasse da crise de gota que o acometia. No dia seguinte, David já estava no aeroporto uma hora antes do horário previsto para o pouso. Recebeu o mestre com a devida formalidade, que foi logo abandonada ao entrarem no veículo que os levaria para a área de exploração.

Dr. Moore bem que tentou perguntar sobre aqueles desenhos, mas David meneou a cabeça em negativas, indicando com os olhos que o motorista não poderia ouvi-los.

Assim que chegaram, David o conduziu ao seu gabinete, cômodo onde guardara o achado, e determinou que ninguém viesse importuná-los. E para justificar a presença de um estranho, alegou ser outro especialista em lapidação.

No exato instante que viu a pedra, os olhos do Dr. Moore arregalaram-se; menos pelo seu tamanho descomunal do que pelos desenhos que já entrevia.

E um silêncio sepulcral imperava naquela sala enquanto o expert, usando da sua preciosa lente de aumento e tremendo de emoção, perscrutava caractere por caractere, palavra por palavra.

Ao terminar a análise, Dr. Moore colocou a gema sobre a bancada, inspirou profusamente, fixou os olhos no anfitrião, e certificou tratar-se do sânscrito.

David sorriu. Ato contínuo, perguntou o que significavam.

Dr. Moore passou a falar, já com a voz entrecortada: “Vós não podeis servir a Deus e a Mamom”. – nome por que era conhecido o deus das riquezas.

E se a fisionomia do Dr. Moore denotava um amálgama em que se debatiam aturdimento, incompreensão, pequenez, incredulidade, não haveria palavras que pudessem descrever o semblante de David...

Passados alguns dias, e mesmo diante do atestado pelo Dr. Moore, o CEO da empresa, mais propenso ao pragmatismo do que predisposto à verdade, além de zombar do que ouviu, ameaçou processar a ambos, caso essa tolice fosse parar nos jornais.

Dr. Moore retornou para Ottawa, onde o tédio da aposentadoria seria para sempre minorado pela mesmíssima convicção com que Hamlet se dirigiu a Horácio. – “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe sua vã filosofia.”

David, por seu turno, pediu demissão e viajou para o Tibet. Se vira naqueles desenhos a mão de Deus a afastá-lo de suas grandes paixões, também não descrevia que o isolamento provisório e a meditação seriam imprescindíveis à sua reeducação.

E quando se sentisse forte o bastante para retomar a vida de relação, regressaria à sua pátria, abraçaria a carreira acadêmica, pediria sua namorada em casamento, e, se o Dr. Moore ainda tivesse disposição, ficaria muito feliz e honrado em se tornar o seu mais novo discípulo.

A calça...
O quê é que tem a calça?
A calça caiu !
Te incomoda ?
O quê é que incomoda ?
As calça caída, aí, no chão...
Não, a mim não...
A calça é tua...
Então?...
Então o quê ?
Se não te incomoda, porquê me advertiu?
Os outros podem achar estranho...
E aí?!
E aí o quê cara?!
O que tem os outros, foda - se!
Então tá bom...
Tá bom o quê ?
Suas vergonhas à mostra!
Mas, não tenho vergonha...
Ah não?!
Mas eu tenho...
Tem o quê?
Vergonha...
Vergonha de quê?
Da sua calças caída mas, a calça é sua...
Então...
Então o quê?
A outra está molhada...
Quê outra?
A outra calça...
Então?
Então o quê ?
Ah!
Deixa pra lá...
Deixa o quê?
Como vamos à festa?
Sei lá!
Chove, e a calça não seca!!
Já é tarde...
Tarde para quê?
Para irmos à festa...
Então...
Estão o quê?
Vamos entrar, tomar um chá juntos e...
E...
Dormir.

Poesias: Wilson lirio
Nome : Roupas no varal
06-02-2024 06:00hrs

Em bora
Quê, vam bora
Já é hora
Que até, que demora

Alegoria
Que traz alegria é, até agonia para que haja folia
Dentro da sua mente vazia

Tristeza que, até somi,
Somia
Tri alegria fria
Dentro dessa barriga vazia

Pula homi
Pula muié
Pula saci
Na ponta de um pé

Pula, na rua
Em baixo de chuva
Que enfrenta a guia
A enxurrada fria, sem ajuda empurra...
A carriola de mandioca...
Olha a mandioca!
Olha a mandioca!

Chega
Chega em casa
Não é casa
Não é taberna
Não é maloka
Um barraco carqué

Come um um punhado de farinha com um gole de café

Essa, é a folia
Da dona Maria do acarajé
Essa é folia do seu José

Enquanto dona Augusta
Acende a festa de manhã
E vai até as tantas da manhã com um pé aqui e outro aculé
Não posso recrama,
Amanhã, vou vê o má
Mesmo que seja sem pudê me moiá,
Vou travaia

Quatro dias de Carnavá.

Poesias Wilson lilio
Nome: Quarta de cinzas



VENTO E VENTANIAS

Quando a vida se torna ventania

Pode ser um sinal de tempestade incurável

Onde os dias úmidos

Mofam as paisagens

“Despejando” as brisas perfumadas

Que nos acariciam

Ao descortinar os rostos cansados!

Feita de redemoinhos

Perdida entre moinhos

Nobres, pobres

Gigantes sentimentos...

Vento entre ventanias!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Paladares

Evandro Valentim de Melo

Cafeteria no hospital é como oásis no deserto.

Desenergizado pela madrugada insone na emergência daquele, abanquei-me no “oásis”.

Uma idosa e seu cuidador sentaram-se em mesa próxima.

— Estou desesperada por um café. – Comentou ela.

Eu idem, pensei.

— Vou ao balcão fazer nosso pedido. – Emendou o cuidador.

Fui ao balcão também.

Registradas e pagas nossas demandas, retornamos, cada um, às respectivas mesas.

Dali a pouco, uma atendente se aproximou. Equilibrava a bandeja com as iguarias.

Cappuccino e três pequenas broas de milho para mim; duas generosas xícaras de café, e um recipiente repleto de biscoitos de queijo para a dupla vizinha. O olhar guloso da idosa aprovou o que viu.

O cuidador entregou um único pacotinho de açúcar à idosa. Ao pegar a colherinha para mexer o café, tão logo juntasse o açúcar à bebida mais consumida no mundo (depois da água), a idosa deixou-a cair. Proativo, o cuidador dirigiu-se ao balcão da cafeteria, a fim de pegar outra colher.

Rápida como quem furta, a idosa despejou o conteúdo de cinco sachês de açúcar na própria xícara e me sinalizou com o dedo indicador grudado nos lábios, para que eu fosse seu cúmplice e omitisse do cuidador aquela ação, seguramente, proibitiva para ela. Cochichou-me:

— Eu gosto bem docinho!

De volta, o cuidador se sentou e entregou a colher à senhora a quem dedica seus serviços.

Ela, de modo dissimulado, abriu o sachê que o cuidador lhe entregara antes do ‘incidente’ da colher ao chão e esvaziou mais esse em sua xícara; o sexto.

— Apenas um, Dona Eufrásia. Não pode descuidar, certo?

— Já sei, até acostumei a tomar café com pouco açúcar. – Respondeu a idosa, com uma piscadela para mim.

Antes do primeiro gole, elevou a xícara, brindou encostando a própria xícara na do cuidador. Sorriu para mim, de novo e arrematou:

— Muito bom esse café! Saúde!





SOL E LUA
Cristian Canto

Como o sol ilumina o dia,
Seus olhos iluminam meu ser,
A noite chega e com ela, a lua.

O clarão que dá ao te encostar,
A visão do mar no teu olhar.
É claro que a soma é intensa,
Sol e lua, energia imensa.

Contigo é com quem eu quero
estar,
Sublime nosso caminhar
Juntos, traz a sensação,
Não importa se é inverno ou
verão.

Canto pra te ver ouvir,
O toque para te sentir,
Chuva para nos molhar...

E acalmar!

Valsa ao sabor do vento

Passos em sintonia, giro vibrante,
Na noite serena, a lua dança,
N'um céu de sonhos, a noite avança,
Poema suave, d'um amor constante.

A melodia em tom pulsante
No palco do coração enfeitado,
Olhares cúmplices, apaixonados,
Vestido armado, elegante.

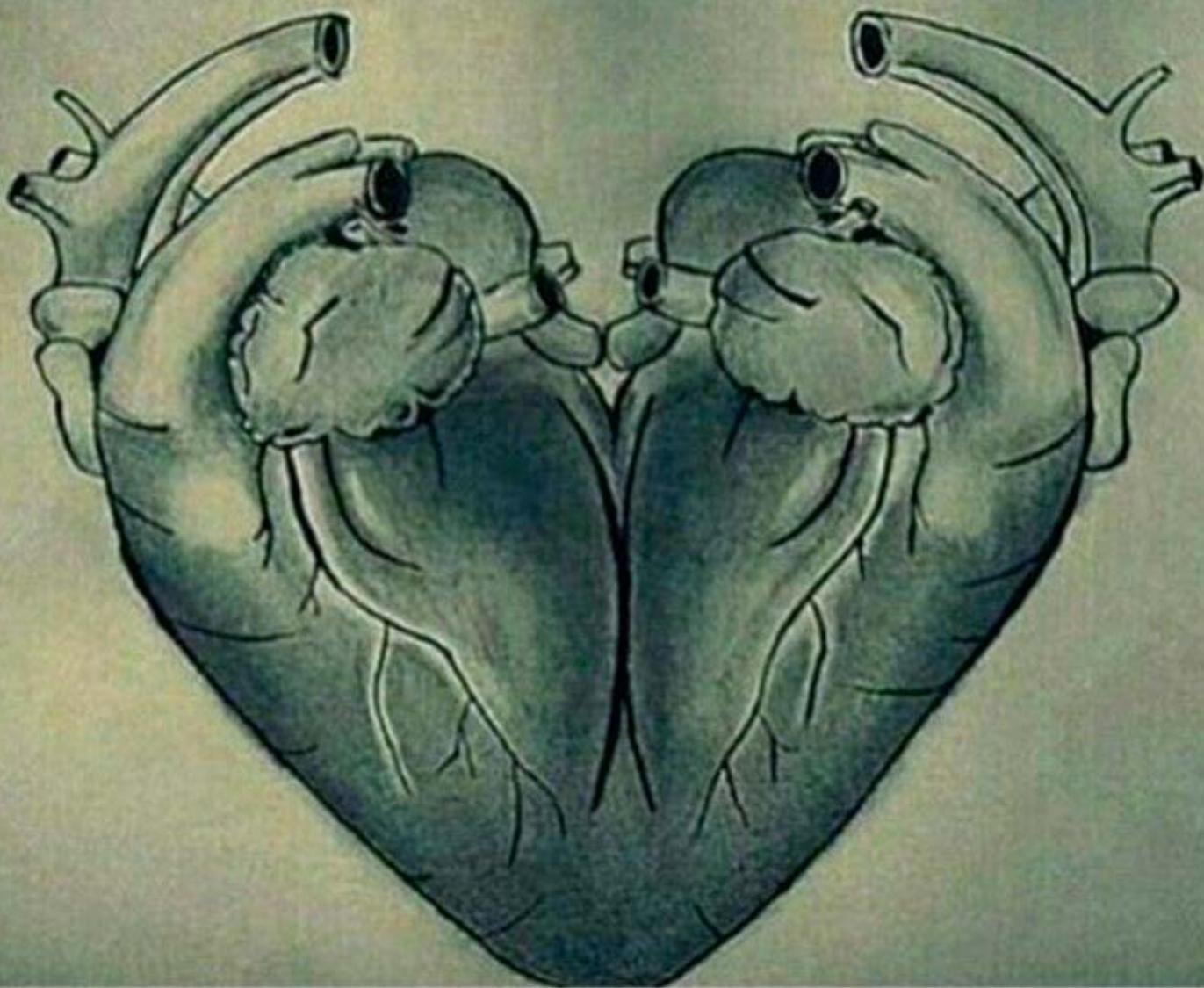
Dois corações em sintonia,
No valsar de metáforas cantadas
Em coreografias improvisadas
No deslizar da harmonia.

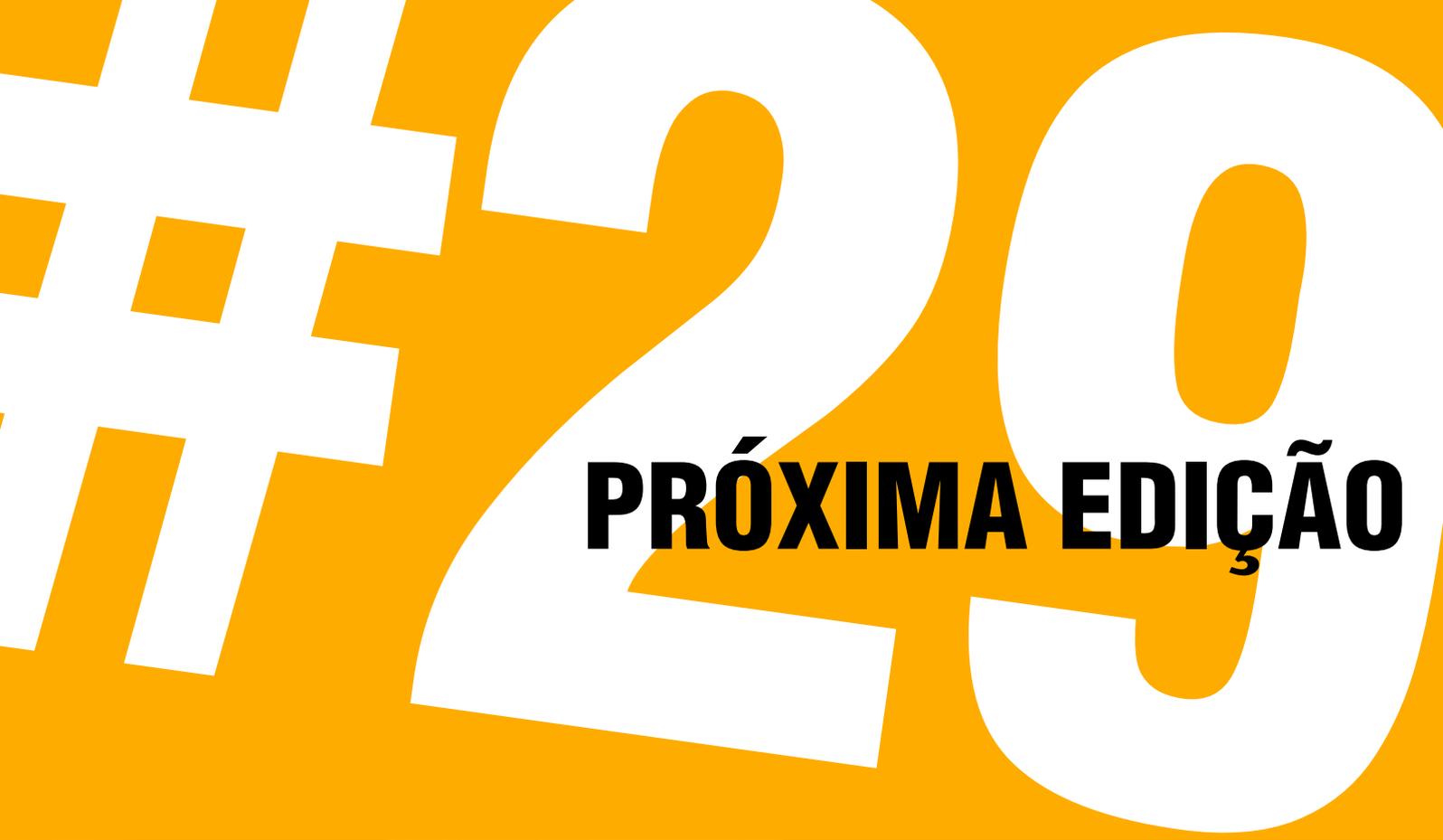
Oh, cantiga eterna, cheia de emoção,
Ritmo alinhado, além do tempo,
Na valsa ao sabor do vento,
Ligando almas, formando canção.

Movimento no um-dois,
Assim, sob o céu estrelado,
Coreografia do destino narrado,
Do bailado de nós dois.



Cristian Canto





PRÓXIMA EDIÇÃO



dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina